

JACQUELINE RODRIGUES PAIVA

FUNÇÕES METAENUNCIATIVAS DAS INSERÇÕES PARENTÉTICAS

CAMPINAS

1999

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
V.	Ex.
TOMBO BC/	37671
PROC.	229/99
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	07/05/99
N.º CPD	

CM-0012302B-8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

P166f	<p>Paiva, Jacqueline Rodrigues</p> <p>Funções metaenunciativas das inserções parentéticas / Jacqueline Rodrigues Paiva. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.</p> <p>Orientador: Sírio Possenti</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Análise do discurso. 2. Subjetividade. I. Possenti, Sírio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sírio Possenti – Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Augusta Bastos de Mattos

Prof^a. Dr^a. Maria Marta Furlanetto

Prof^a. Dr^a. Maria Irma Hadler Coudry - Suplente

Este exemplar é a redação final da tes.
defendida por Jacqueline Rodrigues

Paiva

e aprovada pela Comissão Julgadora em

01 / 02 / 99.

Sírio Possenti

Para meus pais,

Benedito e Socorro

AGRADECIMENTOS

É difícil neste momento nomear todas as pessoas amigas a quem gostaríamos de agradecer por terem, de alguma forma, contribuído na elaboração desta dissertação. Algumas, porém, merecem especial gratidão:

O Sírio que nos orientou da melhor maneira possível: respeitando nossas idéias, confiando no trabalho e, principalmente, instigando-nos a superar os limites.

Os professores da UNICAMP que se locomoveram até Porto Velho para ministrarem as aulas do Mestrado em Lingüística realizado através do convênio UNIR/UNICAMP.

A Maria Augusta, a Ingedore e a Maria Marta pelas observações e sugestões na fase preliminar desta dissertação.

A Luiza Lessa pela dedicação com que nos orientou quando dávamos os primeiros passos na pesquisa.

O Vicente Cerqueira pela atenção e interesse constantes, em especial, pela disposição em ouvir nossas angústias e esperanças, mesmo por telefone.

Os amigos que encontramos, no percurso da elaboração desta dissertação, pelo conforto e ajuda demonstrados de diversas maneiras.

Deus pela renovação interior, sem qual não teríamos encontrado forças para a conclusão deste trabalho.

Por fim, agradecemos a Secretária de Educação do Estado do Acre que contribui com o auxílio financeiro ao longo do Programa de Mestrado.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
I – DESCRIÇÃO DAS INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM TRÊS MODALIDADES DE ESTUDOS	
1. Gramática normativa.....	15
2. Gramática descritiva.....	29
3. Lingüística textual.....	40
II – A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA E AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS	
1. Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada.....	49
2. Autônimia simples e modalização autonímica.....	50
III – ENFOQUE ENUNCIATIVO DAS INSERÇÕES PARENTÉTICAS	
1. Caracterização metaenunciativa das inserções parentéticas.....	55
1.1. A autônimia simples e as inserções parentéticas	
1.2. A modalização autonímica e as inserções parentéticas	
2. Descrição das figuras metaenunciativas das inserções parentéticas.....	67
2.1. Inserções que revelam a heterogeneidade entre sujeitos	
2.2. Inseções que deixam entrever a heterogeneidade como marca do discurso	
2.3. inserções que explicitam a heterogeneidade que afeta o sentido	
Conclusão.....	85
Bibliografia.....	88

RESUMO

As inserções parentéticas são abordadas em nosso estudo, sob um ponto de vista enunciativo. Nossa proposta de trabalho consiste em apresentar uma releitura das inserções parentéticas, focalizando dois aspectos: a caracterização desses enunciados como elementos que, ao revelarem o Outro na seqüência do discurso, constituem uma forma de heterogeneidade mostrada, e a descrição das funções metaenunciativas desempenhadas por tais enunciados.

A caracterização das inserções como uma marca da heterogeneidade mostrada é feita, com base, por um lado, numa releitura devidamente instrumentada nas intuições que tematizam a natureza enunciativa dessas estruturas lingüísticas em três modalidades de estudos: a gramática normativa, a gramática descritiva e a lingüística textual; e, por outro lado, na noção de heterogeneidade enunciativa desenvolvida por Authier-Revuz.

A descrição das figuras metaenunciativas que caracterizam as inserções parentéticas, por sua vez, é feita levando em consideração as heterogeneidades que atravessam o sujeito, o discurso e o sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Inserções Parentéticas; Heterogeneidade; Subjetividade; Sentido.

Abstract

In our current research, the subject of parenthetic insertions is studied from an enunciative point of view. The basic theme of our study involves a reinterpretation of the subject of parenthetic insertions, emphasizing two aspects: a characterization of these expressions as elements that, revealing the Other in the sequence of the discourse, constitute a form of demonstrated heterogeneity, and a description of the meta-enunciative functions employed by these expressions.

A characterization of the insertions as an indication of demonstrated heterogeneity is based, on one hand, on a reinterpretation properly grounded in the intuitions that deal with the enunciative nature of these linguistic structures in three modalities of studies: normative grammar, descriptive grammar and textual linguistics; and, on the other hand, in the concept of enunciative heterogeneity elaborated by Authier-Revuz.

A description of the meta-enunciative figures that characterize the parenthetic insertions, in turn, is realized taking into account the heterogeneity that traverses subject, discourse and meaning.

Key words: Discourse Analysis; Parenthetic Insertions; Heterogeneity; Subjectivity; Meaning.

Pode o leitor estranhar que seja a história tão interrompida por parênteses, deixando-se o autor ficar no bem-bom, quem sabe a dormir a sesta ou a namorar, mas em verdade sai ganhando pois, em lugar de enfastiar-se com tacanhas letras e fútil narrativa, ilustra-se lendo peça profunda devida à pena do eminente Sapo Cururu (...)

(Jorge Amado, O gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor)

INTRODUÇÃO

Com este trabalho propomos uma releitura do fenômeno parentético conhecido na descrição gramatical como inserções parentéticas, objetivando estabelecer uma classificação tipológica de parênteses, em *corpus* escrito, sob um ponto de vista enunciativo.

A escolha deste enfoque não se relaciona apenas ao fato de a dimensão discursiva se mostrar como sendo uma nova maneira de redefinir (ou de definir) a parentetização, mas como uma dimensão aparentemente compatível com a necessidade de uma generalização, tendo em vista que o fenômeno se torna aparentemente mais compreensível quando considerado como uma operação discursiva que revela a heterogeneidade como característica do discurso. Nesse sentido, nossa hipótese é que as inserções constituem uma forma de heterogeneidade mostrada que especifica parâmetros pelos quais o sujeito, o discurso e o sentido se constituem.

Sendo assim, para a caracterização das inserções como uma marca de heterogeneidade mostrada, respaldamo-nos, por um lado, nas intuições que tematizam a natureza enunciativa das inserções, registradas em três modalidades de estudos: a gramática normativa, a gramática descritiva e a lingüística textual, e, por outro lado, na noção enunciativa de heterogeneidade.

O nosso interesse pelas inserções parentéticas surgiu já no nosso primeiro contato com a Análise do Discurso, em um curso ministrado, em Rondônia, no período em que fazíamos os créditos do Curso de Mestrado realizado através do convênio UNIR/UNICAMP.

Estávamos trabalhando em um dos textos que deveríamos apresentar como requisito de avaliação da disciplina Tópicos de Análise do Discurso quando o problema saltou-nos aos olhos. Tínhamos como tarefa fazer a análise de um *slogan* em uma perspectiva enunciativa. Enquanto pesquisávamos em jornais e em revistas, procurando um *slogan* interessante, nossa atenção ia se dirigindo cada vez mais para os parênteses utilizados nos textos.

Decidimos, então, investigar com algum detalhe as inserções parentéticas, abandonando o *slogan*. Logo ficou claro que esse estudo poderia constituir o esboço de nosso projeto de dissertação.

Neste projeto inicial, limitamo-nos à descrição metaenunciativa das inserções parentéticas, utilizando um **corpus** composto de fragmentos parentéticos retirados de jornais, de revistas, de textos literários e de um texto acadêmico. Sobre a seleção do último texto, temos uma consideração a fazer referente ao autor, por tratar-se de um texto do Professor Sírio Possenti. A escolha deste texto foi feita levando em consideração dois aspectos (que de modo algum constituem critérios rigorosos): em primeiro lugar, ele chamou-nos a atenção pela recorrência abundante de parênteses, e em segundo lugar, tínhamos um prazo para a entrega do trabalho o que exigia certa urgência na composição do **corpus**.

Na versão atual de nosso texto, além da descrição das funções metaenunciativas das inserções parentéticas, incluimos a caracterização enunciativa desses enunciados, conforme já foi dito anteriormente. Mantivemos, porém, o mesmo **corpus**, permanecendo assim, a referência constante ao texto de Possenti.

I. DESCRIÇÃO DAS INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM TRÊS MODALIDADES DE ESTUDOS

1. Gramática Normativa

Nas gramáticas normativas os enunciados parentéticos são comumente denominados de orações intercaladas/interferentes/justapostas/parentéticas. Em Kury (1985:70), por exemplo, encontramos referências aos termos *intercalada* e *interferente*:

Não se encontra na NGB classificação onde, a nosso ver, caibam as orações de que vamos tratar. Costumam os gramáticos chamar-lhes orações *intercaladas* ou *interferentes*.

José Oiticica (apud Kury, 1985:70) denomina-as orações *justapostas*, enquanto em Melo (s.d., p.238) recebem a denominação de orações *intercaladas* ou *parentéticas*.

Como é sabido, nessas gramáticas o estudo da língua é realizado tomando-se como parâmetro os princípios herdados de uma longa tradição gramatical, no seio da qual as análises lingüísticas se apoiam em modelos que adotam uma atitude normativa. A descrição dos fenômenos lingüísticos, segundo esse modelo, é quase sempre reduzida a uma série de instruções que poderiam ser resumidas na fórmula “diga X, não diga Y”. Esse princípio, mais geral, norteando as análises de dados tem como resultado uma exposição superficial dos fenômenos estudados, já que esse modo

de abordar a língua, embora aparentemente satisfatório, é apenas “um ponto de vista parcial, projetado *a priori* sobre a língua” (François, 1969).

Esse ponto de vista parcial próprio das análises tradicionais no que se refere ao tratamento dos fatos de linguagem, sendo uma posição muito divulgada e debatida no campo dos estudos lingüísticos dispensaria¹, de nossa parte, maiores comentários. No entanto, gostaríamos de retomar para fins de ilustração uma observação de Vogt (1989) faz sobre a análise da gramática normativa a respeito das conjunções *porque*, *pois* e *já que*. Segundo o autor, a distinção entre as conjunções não é clara porque tais gramáticas adotam critérios apenas “indicativos de intuições possíveis”, meramente classificatórios. A análise das inserções parentéticas nessa gramática parece que não é muito diferente. De modo geral, a descrição resume-se a uma lista de alternativas classificatórias das funções desempenhadas por esta categoria de enunciados, sem que se obedeça a um princípio sistemático de explicação ou de classificação.

Neste capítulo, nossa tarefa será reunir as informações sobre as inserções parentéticas nestas gramáticas, procurando demonstrar que a descrição desses enunciados, mesmo obedecendo a critérios mais intuitivos do que sistemáticos, dão-nos boas indicações sobre sua natureza. As intuições sobre o estatuto dessa categoria de enunciados abrangem simultaneamente princípios gramaticais de natureza diferentes: fonológico, morfossintático e semântico.

¹ Ver também os textos abaixo sobre a questão da insuficiência das análises tradicionais:

ILARI, R. (1992) *A lingüística e o ensino de língua portuguesa*, 2ª edição, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

CASTILHO, A. T. (1990) Português falado e o ensino de gramática, Porto Alegre, Letras de Hoje, v.25. n.1, p.103-136.

Do ponto de vista fonológico, enfatiza-se a ocorrência de pausas demarcando as fronteiras do enunciado parentético, assinaladas na escrita pelos sinais de pontuação vírgula, travessão e parênteses. Terra (1991:222) observa, em uma nota, que as orações intercaladas vêm separadas por vírgulas ou travessão. Cunha & Cintra (1985), ao abordarem o emprego dos sinais de pontuação, destacam, como uma das funções da vírgula, isolar orações intercaladas (p. 630), atribuindo também função análoga aos parênteses, ao afirmar que este sinal é usado para isolar orações intercaladas com os verbos declarativos (p.647). De modo semelhante, Bueno (1958) registra que um dos empregos da vírgula é separar orações intercaladas (p.465), ao mesmo tempo que atribui função similar aos travessões, ao dizer que esta marca gráfica é usada em lugar de vírgulas para separar orações intercaladas (p.465). A equivalência do emprego dos diferentes sinais (vírgula, travessão e parênteses) é atestada, ainda, por Kury (1982:79) ao destacar que os parênteses são usados para substituir as vírgulas ou travessão. Lima (1992:461) é outro gramático que comenta esta equivalência ao estabelecer os empregos da vírgula, enfatizando dentre eles a função de isolar orações ou termos intercalados. O autor observa, no entanto, que, quando se tratar de uma intercalação muito longa, ou quando se quer dar relevo ao termo intercalado, pode-se então usar o travessão no lugar das vírgulas. A substituição dos parênteses pelas vírgulas também é possível quando a palavra, expressão ou oração intercalada figurar sem relação sintática com o resto,

fora do fio principal do discurso, à maneira de um esclarecimento ou observação suplementar. Almeida, na parte dedicada à pontuação, também assinala tal equivalência, ao afirmar que algumas vezes os parênteses podem substituir as vírgulas:

Em grande número de casos, as vírgulas exercem papel de parênteses; aberto o parêntese, claro é que o devemos depois fechar: “Pedro **(de acordo com as ordens recebidas)** partiu”. — Se por vírgulas substituirmos os parênteses que entram nesse período, teremos:

Pedro, de acordo com as ordens recebidas, partiu”. [grifo nosso].

A supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito *Pedro* do verbo *partiu*: OU AMBAS AS VÍRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM.

Essa simples norma engloba várias regrinhas comumente oferecidas em gramáticas.

Sem que a pessoa saiba o que venha ser oração interferente, subordinada adjetiva explicativa, aposto, vocativo, saberá colocar com precisão as vírgulas. Exemplos aqui são dados em que, para mostrar a seqüência do período, os parênteses aparecem em lugar das vírgulas: “*Damão* (condenado à morte) *impetrou* ir primeiro à sua casa.” — “*Vem* (tu que duvidas da honra) *observar* o proceder deste pobre” — “*Francisco* (com o dinheiro ganho no negócio) *comprou* uma linda chácara” — “*Diógenes* (filósofo cínico) *morava* dentro de uma cuba” — “*Os reinos e as terras* (segundo a sentença do Eclesiástico) *passam* de umas a outras gentes” — “*Nem mesmo agora* (disse deles o chefe) *devemos* retroceder” — “*O homem* (que é mortal) *é* apenas um forasteiro na terra”.

Uma vez, em todos esses exemplos, excluída a locução que ficou entre parênteses, aparecerão ligados os termos essenciais da oração ou os que tenham entre si íntima relação sintática.

(Almeida, 1992:571)

Do ponto vista morfossintático, destaca-se, primeiramente, a ausência de vínculo gramatical entre a inserção parentética e o enunciado que a antecede ou que a precede. Melo refere-se a essa propriedade das inserções, ao enfatizar que tais enunciados não têm nenhuma relação lógica com os outros do mesmo

período no qual se inserem. Em Saviolli (1990:98) as inserções parentéticas são designadas como orações sintaticamente independentes. Cegalla (1970:286) as distingue como orações acrescentadas “à margem da frase”, figurando no período como elementos estranhos a sua estrutura. Almeida (1992:347) chama a atenção para o fato de as orações intercaladas não influírem gramaticalmente nas outras, ou seja, para a ausência de subordinação gramatical entre a interferente e a outra oração.

É por essa característica que as inserções se diferenciam das orações coordenadas e subordinadas. As primeiras se caracterizam por ser orações que se ligam pelo sentido, introduzidas geralmente por conectivos (Terra, 1991:221). Assim, se às vezes as orações coordenadas são designadas também, por alguns gramáticos, como orações “sintaticamente independentes”, só o são no sentido de exercerem funções ou valores sintáticos semelhantes. A omissão de uma coordenada tornaria o período agramatical, em virtude da afinidade semântica² estabelecida entre elas. As subordinadas, por sua vez, se caracterizam como orações que sem o apoio da principal tornam-se agramaticais. A hierarquização sintática, no caso das subordinadas, é muito mais estreita do que entre as coordenadas, por serem orações que exercem uma função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, etc.) em relação à principal (Terra 1991:227).

Outra característica morfo-sintática que distingue as inserções é a sua ocorrência em posição intra-sentencial e a relação com os verbos *dicendi*, conforme

² Sobre este ponto, invocamos Garcia (1988:21) que explica que na coordenação haveria dependência semântica mais do que dependência sintática.

observa Almeida (1992:317) ao afirmar que com os verbos dizer, responder, exclamar, prosseguir, e outros semelhantes formam-se orações chamadas interferentes, por virem de ordinário entre os membros de outra oração. É interessante observar que as orações formadas a partir de verbos de elocução não são decorrentes necessariamente desses verbos, como parece afirmar o autor, mas da introdução de uma fala (de Outro) através de tais verbos. Essas orações, descritas como tendo estatuto parentético, são as do discurso relatado indireto, como nos exemplos:

(1) "A flor, *disse ele*, é uma maravilha".

(2) "Os cachorrinhos, *respondeu a mulher*, comem as migalhas da mesa de seus senhores".

Do ponto de vista semântico, as inserções parentéticas são descritas como podendo denotar sentidos. São atribuídas várias interpretações às inserções na medida em que elas explicam ou esclarecem outras estruturas anteriormente anunciadas. Para Melo as orações interferentes representam uma explicação, acrescentando que elas podem ser omitidas sem afetar o sentido do período. Bechara (1967:276) em sua descrição se refere a tais enunciados como estruturas que podem denotar advertência, citação, desejo, escusa, opinião, permissão e ressalva. Segundo Kury (1985:70), elas representam um comentário, uma ressalva, um desabafo do autor, de valor antes expressivo, estilístico, do que sintático, gramatical.

Como vimos, as inserções parentéticas são caracterizadas pelos gramáticos como: a) enunciados sintaticamente autônomos; b) elementos de esclarecimento ao aparecerem sob a forma de um comentário, de uma ressalva, de uma explicação, etc; c) assinaladas por pausas, delimitando suas fronteiras; d) enunciados que, algumas vezes, se originam da introdução de fala por meio de verbos *dicendi* (dizer, afirmar, etc.); e) ocorrendo quase sempre em posição intra-sentencial.

O destaque dado pelos diferentes autores às pretensas propriedades formais das inserções parentéticas nos permite tematizar estes elementos como constituindo uma categoria de enunciados cuja natureza não é gramatical. Retomando Kury (1985), para quem os enunciados parentéticos representam um comentário, uma ressalva, um desabafo do autor, de valor antes expressivo, estilístico do que sintático, gramatical, podemos dizer que eles têm mais a ver com o seu autor do que com o conteúdo da proposição, gramaticalmente falando.

Esta indicação, no que se refere à descrição das inserções parentéticas, assinala, a nosso ver, o deslocamento da ênfase da instância gramatical para a instância da enunciação, tematizando o vínculo entre as inserções e as ações praticadas pelo sujeito em sua relação com a própria linguagem. Sendo assim, seguindo essa intuição, elegemos a enunciação como o espaço teórico privilegiado para a descrição das inserções parentéticas.

Do ponto de vista da enunciação, as inserções passam a ser concebidas como uma das formas que inscrevem o Outro, alterando a unicidade aparente da cadeia discursiva, ao remeterem ao exterior³ do discurso.

A propósito, queremos esclarecer que essa caracterização das inserções como inscrevendo o Outro é tematizada nas três modalidades de estudos escolhidas, e as considerações feitas nesse sentido podem ser tomadas como intuições que trazem para a discussão questões relativas à constituição do sujeito, do discurso e do sentido, apontando para o entrecruzamento dessas questões, no que se refere à classificação das inserções.

Ao estudarmos a gramática tradicional, enfatizamos a relação entre as inserções e o sujeito; ao abordamos a gramática descritiva focalizamos mais especificamente a relação entre as inserções e a enunciação, e na exposição do enfoque da Lingüística textual, destacamos a relação entre as inserções e o sentido.

Descritas como um “comentário do autor”, as inserções se caracterizam como uma marca de utilização concreta da linguagem pelo locutor, na medida em que enfatizam o locutor interrompendo o próprio dizer e, por este ato, constituindo-se como sujeito do discurso. Nesse sentido, as inserções deixam entrever a exterioridade interna ao sujeito, descrita por Authier-Revuz (1990) como “aquela do enunciador capaz de se colocar em qualquer momento distante de sua língua e de seu discurso, tomando-os localmente como objeto, numa posição exterior de observador” (p.32). Em

³ A noção de exterioridade, no contexto da Análise do Discurso, se refere à alteridade a que o fragmento remete. Assim, podem ser considerados como “exteriores” ao discurso, por exemplo, uma outra língua, um outro registro discursivo (familiar, pedante, adolescente, etc), um outro discurso (técnico, feminista, marxista, etc.), uma outra modalidade de sentido para uma palavra recorrendo à língua ou ao interdiscurso, etc. (Authier-Revuz, 1990:30).

outras palavras, a afirmação de Kury tematiza, segundo diria Authier, a “ilusão constitutiva do sujeito” através da qual se reconstrói, a nível teórico, a imagem do enunciador capaz de escolhas, de intenções e de decisões, apagando a divisão e o descentramento que caracterizam o sujeito.

Mas não é apenas através da afirmação “comentário do autor” que a descrição das inserções na gramática tradicional tematiza essa ilusão subjetiva. Outro modo de apreendê-la pode ser recorrendo à observação dos gramáticos em que se enfatiza a “equivalência do emprego dos sinais de pontuação”. Conforme expusemos anteriormente, as inserções podem ter suas fronteiras demarcadas ou pelas vírgulas, ou pelos travessões, ou pelos parênteses. Nesse sentido, o emprego de um sinal de pontuação por outro reafirma o postulado da ilusão da subjetividade do enunciador “senhor de suas palavras”, ao denunciar que a utilização de uma marca gráfica, assinalando as fronteiras de um enunciado parentético, não deixa de ser uma “escolha” do sujeito-enunciador. Essa escolha se fundamentaria em um certo conhecimento básico do sujeito-enunciador (que se respalda, por sua vez, em sua experiência de falante), indiciando o modo como ele se posiciona em relação à utilização dos recursos gráficos ao operar com o mecanismo da parentetização. Vejamos alguns exemplos:

(1) ... Assim, frases como “A grama anda” não são interpretáveis no interior de um sistema de referência fatural **em dada cultura** (por exemplo, a nossa) porque *andar* não é um predicado compatível com o predicado *grama*. Nada impede, no entanto, que, em outro sistema de referência, a mesma construção seja interpretável ...
(Possenti, 1988:70)

(2). Da suspensão do crédito agrícola ao **IPMF** (mais uma *provisoriamente assumida*), sempre há uma crise avizinando-se, uma situação de premência, inafastável ou alguma outra circunstância que acaba levando sucessivas gestões a adotar apenas medidas precárias, sem planejamento.

(Folha de S. Paulo, 10/04/95)

Nesse caso, os exemplos (1) e (2) podem ser tomados como inserções cujos efeitos de sentido (ou cujas imagens metaenunciativas) ilustram “a ilusão constitutiva do sujeito” comentador de sua fala. Em (1), a inserção é interpretada como uma *exemplificação*, enquanto, em (2), os parênteses são descritos como um *comentário*.

No que se refere à constituição do sujeito, as observações dos gramáticos tradicionais tematizam, além da exterioridade interna que caracteriza o sujeito (através da qual ele se apresenta como o enunciador que comenta o próprio dizer), uma outra exterioridade: aquela do Outro, em que estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente, representada, no discurso, pelas disjunções, pelas diferenciações que assinalam as fronteiras interior/exterior pelas quais o *um* — o sujeito e o discurso — se delimita na pluralidade dos outros. (Authier-Revuz, 1990: 32). Nesse sentido, o sujeito é concebido também como um efeito de linguagem:

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado... pouco importa a palavra desde que longe do desdobramento do sujeito ou da divisão como efeito sobre o sujeito do seu encontro com o mundo exterior, divisão que se poderia tentar apagar por um trabalho de restauração da unidade da pessoa, mantido o caráter estrutural constitutivo da clivagem pelo sujeito.

(Authier-Revuz, 1990:28)

A fragmentação do sujeito face ao Outro é tematizada, por exemplo, quando os gramáticos observam que a presença de uma inserção parentética quebra a linearidade do fio discursivo. Savioli (1990:98) refere-se às inserções como orações sintaticamente independentes que se interpõem a outra. Said Ali, ao explicar a função dos parênteses, também faz referência à interrupção na

continuidade sintagmática, ao afirmar que esse sinal gráfico é empregado para marcar dizeres meramente explicativos que às vezes interrompem o discurso.

A interpretação dada às observações de Savioli e Said Ali como tematizando o Outro encontra respaldo nas considerações de Jurado Filho (1996) sobre os sinais de pontuação (especialmente, os travessões, as aspas e os parênteses) assinalarem a presença do Outro:

A interferência inevitável de um Outro, caracterizada por uma interrupção no fluxo do discurso e indiciada por meio dos sinais de pontuação, pode ser deduzida também de comentários que Savioli (1984) e Cunha (1978) fazem a propósito do emprego das aspas e dos parênteses. Para Savioli, as aspas indicam *“palavras ou expressões que se desviam do nível de fala ou do próprio idioma em que se expressa o autor”* (op. cit., p. 114). Destaca Savioli que, nesses casos, tais palavras e expressões estão sendo tomadas *“em segundo sentido”* (idem, ibid.). Quanto aos parênteses, servem para *“circunscrever uma reflexão... incluir um comentário paralelo... encaixar uma explicação ou uma definição”* (idem, ibid.). Por sua vez, Cunha recomenda que as aspas devem ser empregadas *“para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve”* (op. cit., p.338). A propósito dos parênteses, esse último autor destaca que eles são empregados *“para intercalar num texto qualquer indicação acessória”* (idem, p. 339), entendendo-se por uma indicação acessória *“uma explicação dada, uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma”* (idem, ibid.). Tal como observamos a propósito das considerações de Torres e de Barros sobre o emprego do travessão, as indicações de Savioli e de Cunha sobre as aspas e sobre os parênteses parecem traduzir uma volta do sujeito escrevente sobre si ante a inevitabilidade da presença do Outro em seu dizer.

(Jurado Filho, 1996: 176-177)

Outra referência que se encontra nas gramáticas, que considera o Outro como participando da fragmentação do sujeito, pode ser inferida a partir da observação que os gramáticos fazem de que algumas inserções parentéticas são originadas da introdução da fala do outro por meio de verbos *dicendi*. Essas orações, no campo da

Análise do Discurso, têm sido descritas como uma das manifestações do discurso relatado, ou seja, um dos exemplos de heterogeneidade.

Em se tratando do discurso relatado, várias são as abordagens que concebem tais elementos como inscrevendo o *outro* na cadeia discursiva. Aqui nos ateremos apenas ao trabalho de Authier-Revuz (1982). Segundo a autora, as formas sintáticas do discurso indireto e do direto designam um outro ato de enunciação, na continuidade da cadeia discursiva. No primeiro caso, o locutor se apresenta como tradutor, fazendo uso de suas próprias palavras para remeter-se ao *outro* como origem (fonte) do sentido do comentário que cita. No estilo direto, porém, são as palavras realmente do *outro* que ocupam o tempo — ou espaço — aparecendo claramente na frase como sua citação. O locutor, nesta forma de discurso, constitui um simples porta-voz.

(...) les formes syntaxiques du discours indirect e direct désignent de façon univoque, dans le cadre de la phrase, un autre acte d'enonciation. Dans le discours indirect, le locuteur se donne comme traducteur: faisant usage de ses propres mots, il renvoie à un autre comme source du "sens" des propos qu'il rapporte. Dans le discours direct, ce sont les mots mêmes de l'autre qui occupent le temps — ou l'espace —, clairement découpé dans la phrase, de la citation, le locuteur s'y donnant comme simple "porte-parole". Sous ces deux modalités différentes, le locuteur fait place explicitamente dans son discours au discours d'un autre.

Authier Revuz (1982:92)

Os exemplos seguintes ilustram as inserções que assinalam a presença do Outro através da colocação em cena de uma outra voz diferente da voz do locutor-enunciador.

(3). Cruzou um grupo em que se falava francês e em seguida outro em que a **língua usada lhe pareceu escandinava**. (*Uma amiga lhe dissera um dia: “Se a morte fala alguma língua, aposto como é sueco.”*) Parou um instante para ouvir o que diziam quatro senhoras de aspecto latino-americano que, num espanhol frenético, discutiam os méritos duma liquidação de vestidos de inverno num dos grandes empórios locais. ...

(Érico Veríssimo, O Senhor Embaixador, p.105)

(4) A diretoria do clube acreditava que a partida seria quinta, mas a Confederação Brasileira de Futebol a marcou para amanhã às 21h40, no estádio do Morumbi. “Só soube **hoje (ontem)** da mudança”, reclamou o preparador físico José Roberto Portella.

(Folha de S. Paulo, 10/12/96)

O fragmento parentético, em (3), coloca em cena outro enunciador, diferente do sujeito-enunciador. Em (4), por sua vez, as inserções assinalam a intromissão do sujeito-enunciador na voz do enunciador-Outro colocada em cena. Além de denunciar a heterogeneidade entre sujeitos, a inserção, no exemplo (4), pode ser interpretada, ainda, como explicitando a heterogeneidade entre as palavras e as coisas, se considerarmos que sua ocorrência deixa entrever o jogo inevitável que caracteriza a nomeação: a inserção é empregada para atualizar um elemento dêitico. Em nosso estudo, porém, elas são analisadas como ilustrando a não-coincidência entre enunciadoreis.

Como podemos observar, uma análise intuitiva das inserções pautada na noção de sujeito atravessado pelo Outro permite-nos caracterizá-las, em um primeiro sentido, como uma das formas pelas quais se colocam à mostra os processos de representação, no discurso, de sua constituição, correspondendo ao que Authier-Revuz denomina de heterogeneidade mostrada. Essa representação, considerada fantasmática, é ilustrada, na medida em que o fragmento parentético deixa entrever a

exterioridade através da qual o enunciador pode se colocar à distância de seu discurso tomando-o localmente como objeto, ilustrada nos exemplos (1) e (2), ou quando explicitam uma alteridade que nos remete à outra voz que se distingue da voz do sujeito-enunciador, representada nos exemplos (3) e (4).

Como no terceiro capítulo desse trabalho proporemos uma descrição mais detalhada das funções das inserções, adotando como princípio descritivo a alteridade a que o fragmento parentético nos remete, limitamo-nos, por enquanto, a enfatizar a idéia das inserções como um conjunto de expressões que operam uma dupla designação: elas designam “um lugar” na cadeia enunciativa ao deixarem-se descrever como uma estrutura interposta, ao mesmo tempo, que explicitam uma alteridade a que o fragmento remete. Nos exemplos ilustrados, essa alteridade refere-se ao sujeito.

2. Gramática Descritiva

Como o próprio título sugere, a gramática descritiva é um método de análise que tem como objetivo descrever o modo como as línguas funcionam, sem preocupação com critérios de normatividade pedagógica que regulamentam o pretensão “bom uso” das formas lingüísticas. Ao contrário da gramática normativa, essa gramática se propõe a fazer apenas a descrição e análise das estruturas das frases de uma língua natural.

Esse modelo de análise trabalha com um *corpus* no qual figuram os enunciados realizados pelos locutores nativos. Sendo assim, podemos encontrar nesse *corpus* tanto frases consideradas aceitáveis, quanto enunciados tomados como “incorretos” (Dubois, 1973).

Para a descrição das inserções parentéticas, na abordagem descritiva, tomamos como referencial teórico os trabalhos de Mateus (1989) e Perini (1995). Em Mateus, o estatuto de inserções parentéticas pode ser atribuído a elementos que pertencem a pelo menos duas categorias sintáticas, dentre as mencionadas pela autora: as construções apositivas e os epítetos.

As orações apositivas são apresentadas por Mateus como estruturas que se aproximam, do ponto de vista sintático e semântico, de uma construção de coordenação. Vejamos diferentes construções apositivas ilustradas pela autora:

- (5) a. A coroa sueca, *disseram no telejornal*, foi desvalorizada.
- b. A coroa sueca foi desvalorizada, *disseram no telejornal*.

- (6) a. A coroa sueca — *a próposito, ficaram-me algumas da minha viagem* — foi desvalorizada.
b. A coroa sueca — *aquilo lá também está em crise* — foi desvalorizada.
- (7) a. A coroa sueca foi desvalorizada, *o que surpreendeu aos meios financeiros*.
b. A coroa sueca foi desvalorizada, *medida que surpreendeu os meios financeiros*.
c. A coroa sueca, *que é uma moeda forte*, foi desvalorizada.

Os exemplos (5a) e (5b) são descritos como apresentando aposições que introduzem um discurso relatado, sem qualquer conector e com posição variável. Em (6a) e (6b), as apositivas são descritas como comentários acerca do conteúdo proposicional da primeira frase e os exemplos em (7) conteriam orações apositivas de frase (7a) e (7b), ou de SN, (7c).

Ao comentar tais exemplos, Mateus chama a atenção para o fato de a oração apositiva ter estatuto parentético na construção, e consistir semanticamente em um comentário relevante acerca do conteúdo da proposição anterior ou acerca de um tópico comum às duas proposições, sendo que este comentário não constituiria uma forma de determinação.

Observando os exemplos analisados pela autora, tais orações, com exceção das apositivas em (7) — a não ser quando ocorrem assinaladas por parênteses — podem ser tomadas, nós supomos, como correspondentes às orações que os gramáticos tradicionais denominam de *intercaladas/parentéticas*.

Os epítetos, por sua vez, são definidos como expressões parentéticas, isoladas por pausas no interior do SN, aparecendo na posição à direita do núcleo,

integrados nos complementos do sintagma nominal. Podem ser SNs, SADjs, Fs¹. A seguir, retomo os exemplos citados por Mateus.

(8) Adriano, *o imperador de Roma*, era um homem só.

(9) a. Você, *sua besta*, fez-me dar um trambolhão!
b. Tu, *meu amor*, estás cada vez mais magra.

(10) a. O guarda, *aquele cretino*, atirou dois tiros!
b. O João, *todo contente*, partiu para os EUA.

(11) Os teus primos, *os que vivem na Califórnia*, chegam hoje.

(12) a. Os homens, *que parecem fortes*, são na realidade uns fracos.
b. Eu, *que tanto me esforcei*, cheguei em último lugar.

No que se refere aos epítetos, queremos destacar que alguns dos elementos descritos como tendo estatuto parentético, nos exemplos acima, correspondem justamente a termos tradicionalmente considerados gramaticais como o aposto, em (8), e as orações subordinadas adjetivas explicativas, em (11) e (12).

Passaremos, agora, às observações de Perini (1995). As inserções parentéticas, em Perini, são designadas como “parentéticos” e definem-se como elementos que podem posicionar-se livremente entre os constituintes oracionais e que na escrita vêm sempre separados por vírgula. Eles se caracterizam por apresentarem uma estrutura

¹SN, SADj e F significam respectivamente: sintagmas nominais, sintagmas adjetivos e frases. (Ver listas das abreviaturas, Perini 1994:12)

interna que sugere que não são termos da oração. Como exemplo de parentético, Perini cita as frases seguintes:

- (13) a. *Creio eu*, Dorival dispensou o sócio.
b. Dorival, *creio eu*, dispensou o sócio.
c. Dorival dispensou, *creio eu*, o sócio.
d. Dorival dispensou o sócio, *creio eu*.

O parentético *creio eu*, em (13), teria uma estrutura de oração independente, segundo o autor, porque não apresenta nenhuma das marcas habituais de subordinação, nem marca de coordenação, sendo tomada como oração independente, simplesmente justaposta. Essa justaposição, no entanto, não seria uma particularidade somente das orações, podendo ocorrer também, segundo Perini, com alguns membros da oração, os quais são repetidos e separados por vírgula, conforme se demonstra por meio destes exemplos do autor:

(14). Mandei um cartão ao Zé, *ao meu velho companheiro de lutas*.

(15). Os deputados dão, *oferecem de graça*, empregos na Assembléia.

A análise proposta por Perini enfatizará que em (14) o termo “ao meu velho companheiro de lutas” constitui uma repetição sintática de um atributo, enquanto que, em (15), a expressão “oferecem de graça”, é entendida como uma repetição sintática de um predicado. Perini define a “repetição sintática”, nesses termos:

Entendo “repetição sintática” no sentido de que se repete a categoria, embora seu preenchimento e estrutura interna possam ser muito diferentes.

Baseando-se no critério de repetição sintática, o autor supõe que o aposto seja mais um exemplo do mesmo processo, e, por isso, afirma que não há razão para analisá-lo diferentemente de (13), (14), (15):

(16) Simone, *irmã do Carlinhos*, ganhou um carro novo.

Assim, ao descrever o aposto como pertencente também à categoria dos parentéticos, Perini chega a uma nova definição desses enunciados:

Nesse caso, poderemos definir os parentéticos como elementos que sintaticamente repetem a oração ou um de seus termos e se justapõem ao elemento repetido, separando-se dele por vírgulas (p.121).

Por esta definição, (13) exemplificaria uma repetição sintática em que uma oração se justapõe a outra (repetição sintática de orações)² e (16) uma repetição em que um sintagma nominal se justapõe a outro (repetição sintática de sintagmas nominais).

Além do aposto, Perini sugere, ainda, que seja incluído entre os parentéticos o adjunto oracional ³ (AO) — embora abandone essa proposta ao reconhecer que o critério de repetição sintática não é aplicável a este elemento. Segundo Perini, mesmo que adjunto oracional seja classificado, de maneira geral, como sendo um termo da

² No caso em que se repetem orações, segundo o autor, deve-se levar em consideração que cada uma das orações tem uma estrutura e preenchimento próprio.

³ O adjunto oracional se caracteriza por tomar como escopo a oração. É também denominado na literatura linguística moderna de “advérbios de oração” (sentence adverbs).

oração (ver Perini, 1989:86), os dados indicariam que tem comportamento sintático semelhante ao dos parentéticos. Vejamos os seguintes exemplos arrolados pelo autor:

- (17) a. *Felizmente*, Dorival dispensou o sócio.
b. Dorival, *felizmente*, dispensou o sócio.
c. Dorival dispensou , *felizmente*, o sócio.
d. Dorival dispensou o sócio, *felizmente*.

Retomando a definição inicial de parentético proposta por Perini (ver p. 31), o adjunto oracional poderia ser caracterizado como um termo que se posiciona livremente entre os constituintes oracionais, sendo separado por vírgulas, conforme o exemplo (17). Assim, por esta definição ele se enquadraria na classe dos parentéticos. No entanto, quando se aplica o critério de repetição sintática ao AO, Perini reconhece que este elemento, ao contrário dos outros parentéticos, não poderia ser considerado como um termo que repete outro de idêntica função dentro da oração; por exemplo, em (17), não há nenhum sintagma adverbial que se possa dizer repetido por *felizmente*. Por causa desta constatação, opta por manter o AO como um não-parentético, mesmo afirmando que as semelhanças entre os dois tipos de elementos são grandes. Sobre a análise de Perini temos alguns comentários a fazer.

Em primeiro lugar, queremos enfatizar que os apostos, as orações subordinadas adjetivas explicativas, os epítetos e o adjunto oracional são descritos em nosso estudo como pertencentes à categoria dos parentéticos. Esta proposta não se fundamenta apenas nas intuições de Mateus e Perini, mas também nas observações de Jurado Filho (1996). Ao abordar o ritmo da escrita através da pontuação, o autor enfatiza que essas estruturas, do ponto de vista rítmico, poderiam figurar na mesma

classe das inserções parentéticas, levando-se em conta que todas elas apresentam a característica de voltarem-se sobre outras estruturas:

Uma última observação que gostaríamos de fazer a propósito de os sinais de pontuação delimitarem, na escrita, unidades organizadas ritmicamente por uma conjunção de várias dimensões da linguagem diz respeito à separação, por meio de sinais característicos, de estruturas às quais os gramáticos, de modo geral, atribuem caráter explicativo. Trata-se, dentre outras, de estruturas como os apostos e as orações adjetivas explicativas. Acreditamos que tais estruturas, no que se refere a sua configuração rítmica, poderiam figurar numa mesma classe juntamente com outras às quais se atribui caráter de citações, comentários, reflexões etc., freqüentemente delimitadas por travessões, parênteses, aspas, ou mesmo vírgulas. O que uniria as estruturas explicativas a estas outras é a característica que todas apresentam de **voltarem-se sobre outras estruturas**. (Jurado Filho, 1996:144)

Além dessa característica, esses enunciados se caracterizam, ainda, por apresentarem outras semelhanças observáveis tanto ao nível estrutural quanto ao nível da enunciação. Do ponto de vista estrutural, de acordo com Jurado Filho, eles tem em comum as seguintes propriedades: a) uma certa constituição gramatical (são sintagmas, orações, ou mesmo frases mais ou menos extensas); b) um valor semântico específico (de explicação, de citação, de comentário etc.); e c) um contorno entonacional próprio (entonação suspensiva, no caso das explicações; abaixamento de tom, no caso, por exemplo, de comentários intercalados).

Do ponto de vista da enunciação, tais enunciados se distinguem, por um lado, por sua dimensão textual, na medida em que estabelecem nexos coesivos com as estruturas sobre as quais eles se voltam; e, por outro lado, por configurarem como uma marca de heterogeneidade. Ao produzirem uma interrupção no fio do discurso

assinalada pelos sinais de pontuação, esses enunciados trariam para o discurso a lembrança de sua heterogeneidade. (Jurado Filho, 1996:145).

Em segundo lugar, queremos demonstrar que o problema com o qual Perini se depara na descrição do AO é de natureza metodológica. A intuição de Perini sobre a semelhança do adjunto oracional e dos enunciados parentéticos não pode ser demonstrada, porque, infelizmente, o autor adota uma teoria que estuda os fenômenos baseando-se na sentença. Procuraremos demonstrar que se levarmos em consideração as intuições dos gramáticos tradicionais de que esses enunciados são fenômenos enunciativos e as observações de Jurado Filho sobre a relação desses enunciados com a noção de heterogeneidade, na linha da Análise do Discurso Francesa, poderemos explicar tal semelhança.

Recorrendo à concepção de heterogeneidade (comentada no capítulo 2), a intuição de Perini de que há uma certa semelhança entre o adjunto oracional e os outros elementos descritos como pertencentes à classe das inserções parentéticas poderia ser explicitada assim: o que todos esses elementos apresentam em comum é a característica de **retornarem reflexivamente sobre o próprio dizer**. Nesse sentido, eles poderiam ser considerados, à luz da noção de modalização autonímica, como comentários metaenunciativos que comportam uma representação da enunciação.

- (13) a. *Creio eu*, Dorival dispensou o sócio.
b. Dorival, *creio eu*, dispensou o sócio.
c. Dorival dispensou, *creio eu*, o sócio.
d. Dorival dispensou o sócio, *creio eu*.

- (17) a. *Felizmente*, Dorival dispensou o sócio.
b. Dorival, *felizmente*, dispensou o sócio.
c. Dorival dispensou , *felizmente*, o sócio.
d. Dorival dispensou o sócio, *felizmente*.

(14). Mandei um cartão ao Zé, *ao meu velho companheiro de lutas*.

(15). Os deputados dão, *oferecem de graça*, empregos na Assembléia

(16) Simone, *irmã do Carlinhos*, ganhou um carro novo

Esses enunciados se diferenciam, no entanto, na medida em podem ilustrar diferentes formas de heterogeneidade. As expressões em (13) e (17) podem ser descritas como formas que especificam uma alteridade em relação ao sujeito, enfatizando, assim, o UM (imaginário comunicativo do enunciador, através do qual apresenta-se como “o senhor de suas palavras”), enquanto em (14), (15), os termos grifados nos remetem a uma alteridade que especifica uma outra modalidade de sentido, deixando entrever a não-coincidência do sentido das palavras. Já no exemplo (16), a inserção parentética pode ser interpretada como revelando o NÃO-UM que caracteriza a nomeação, ou seja, a não-coincidência entre as palavras e a coisa, ilustrada pela atribuição de uma característica de X, que o distingue. Outra interpretação possível para a inserção, em (16), pode ser descrevê-la como um fragmento que põe à mostra a não-coincidência do discurso ao explicitar o já-dito. Porém, em nosso estudo, optamos por enfatizar a relação que elas guardam com o sentido, ao participarem da constituição de um sentido que pode ser decorrente da

heterogeneidade que atravessa o sentido das palavras ou da heterogeneidade entre as palavras e as coisas que caracteriza, por sua vez, a nomeação.

Em outras palavras, as expressões “ao meu velho companheiro de lutas”, “oferecem de graça” e “irmã do Carlinhos” revelam a heterogeneidade que afeta o sentido das palavras, na medida em que elas constituem representações cujas imagens são interpretadas como *identificando*, *esclarecendo*, *explicando* e *discriminando* o termo ao qual se referem.

Como podemos observar, se há uma semelhança entre o AO e outros termos considerados parentéticos, trata-se de uma semelhança metaenunciativa: todos os elementos apresentam como característica uma enunciação “dobrada” que se realiza como um “retorno” sobre o próprio dizer. Tais termos se diferenciam, no entanto, na medida em que podem ilustrar tipos diferentes de formas de heterogeneidade.

Resumindo: em linhas gerais, a caracterização das inserções parentéticas na abordagem descritiva aproxima-se muito da abordagem normativa, na medida em que as observações dos autores, baseando-se em uma descrição que toma como categoria de análise a sentença, enfatizam: a) que tais elementos se caracterizam por apresentarem uma estrutura interna que sugere que não são termos da oração (autonomia sintática); b) as pausas delimitando suas fronteiras; c) seu estatuto de comentário relevante; d) as orações que originam-se da introdução de fala por meio de verbos *dicendi*.

A abordagem descritiva se diferencia da tradicional, no entanto, ao classificar como parentéticos alguns termos considerados simplesmente como

gramaticais pela segunda, por serem geralmente analisados como termos sintaticamente dependentes. Sobre o estatuto parentético desses termos, uma análise intuitiva dos dados demonstrou que, do ponto de vista enunciativo, eles podem ser descritos como integrando a mesma categoria das inserções parentéticas.

3. Lingüística Textual

O estudo das inserções parentéticas em uma perspectiva textual-interativa encontra-se respaldada na Proposta Teórica elaborada pelo *Grupo de Organização Textual-Interativa, do Projeto de Gramática do Projeto de Gramática do Português Falado* (Koch et al., 1994) e tem como objetivo o estabelecimento de princípios e critérios para uma classificação tipológica das funções pragmático-textuais desses elementos no âmbito de textos falados. A seguir, apresentamos de forma resumida seus postulados básicos.

De acordo com Jubran (1995), a descrição das inserções em uma perspectiva textual-interativa apóia-se em uma concepção específica de linguagem como atividade de interação verbal contextualizada no espaço temporal e sócio-histórico que une os interlocutores (p.3). Os enunciados e suas condições de produção são concebidos como incorporados na ação verbal, coenvolvendo relações recíprocas entre os locutores e os alocutários decorrentes do modo como um se situa face ao outro, das representações mútuas quanto à papéis sociais, do conhecimento partilhado de mundo, de atitudes, de propósitos e de reações assumidas na situação comunicativa.

Sendo assim, a linguagem é definida como a capacidade de manter a interação social, através da produção e da recepção de textos (p.3). Essa noção pressupõe, por um lado, uma competência comunicativa que, por ser exercida através de textos, implica no domínio de regras próprias do plano textual,

configuradoras de propriedades que particularizam e definem um produto lingüístico como texto, capaz de funcionar interativamente; e, por outro lado, um saber lingüístico (competência lingüística), isto é, o conhecimento de um sistema de regras lingüísticas que permitem aos falantes produzirem, interpretar e reconhecerem orações.

Jubran observa que a relação de implicação entre competência comunicativa e competência lingüística não deve ser concebida dicotomicamente, como se a primeira tivesse caráter de adição em relação à segunda. Como consequência dessa postura assumida na descrição, os fatores de enunciação não são considerados, por sua vez, como componentes de um outro nível de estruturação, que se soma aos níveis tradicionalmente tidos como lingüísticos. Dito de outra maneira, o ponto de vista defendido por Jubran concebe o interacional como sendo inerente ao lingüístico. Os primeiros elementos introjetar-se-iam no produto verbal de um ato comunicativo, de modo que permitiriam observar marcas do processo interacional na própria materialidade lingüística dos textos.

No contexto desses princípios teóricos, as inserções parentéticas são concebidas como um dos procedimentos de articulação do texto falado e como explicitadoras de aspectos do processo interacional. Em outras palavras, as inserções constituem uma das estratégias que participam da organização do texto conversacional, ao mesmo tempo que permitem verificar o envolvimento dos interlocutores com o tema que desenvolvem e as posições discursivas que assumem na situação comunicativa:

os parênteses são concebidos como um dos recursos pelos quais os interlocutores articulam o texto falado, manifestando, na sua materialidade lingüística, as posições que assumem na situação de enunciação e o correlativo envolvimento com o ato de fala que executam. Através de procedimentos parentéticos, são explicitadas avaliações que os interlocutores fazem do quadro sócio-comunicativo no qual interagem, pondo a mostra, assim, o processamento discursivo. (Jubran 1995:2)

Ao afirmar que através dos parênteses a interação verbal é explicitada no texto, Jubran procura demonstrar que estes elementos não operam apenas uma mudança de foco no tópico discursivo em desenvolvimento, mas que também desempenham papéis importantes no estabelecimento da significação das proposições dos segmentos que constróem a centração tópica. Os parênteses delimitariam a significação proveniente da avaliação feita pelos interlocutores sobre o quadro sócio-comunicativo no qual interagem, evidenciando o “lugar” de onde emerge o conteúdo das proposições de seu segmento contextualizador.

os parênteses inserem, no texto, dados da situação discursiva que incidem sobre o que é dito, seja pela manifestação de avaliações sobre o que se diz, seja pela caracterização do foco enunciativo e estabelecimento de uma direção interpretativa do que se diz, seja ainda pela predicação de qualificações que os interlocutores se atribuem, no intercâmbio comunicativo, e que repercutem no que se diz. (Jubran 1994:6)

A tese de que as inserções são um dos recursos pelos quais a atividade interacional se materializa no texto falado e de que, ao contextualizarem segmentos tópicos na situação comunicativa eles interferem na significação desses segmentos, é demonstrada por Jubran a partir da análise do fragmento abaixo:

L1 — algum dia: o governo federal olha de uma maneira mais positiva praqui porque:: esse país:: só pode crescer globalmente... se não crescer globalmente... e seria muito importante para o Brasil que o Nordeste crescesse porque::... *não é bairrismo não*... aqui no Nordeste está o que há de mais autêntico da brasilidade em termos mundiais... (D2/REC-05)

(Jubran, 1994:6)

O tópico discursivo em pauta neste fragmento é a necessidade de desenvolvimento do Nordeste, para o Brasil crescer de forma global. A expressão “*não é bairrismo não*” configura nesse tópico uma inserção parentética por se apresentar como não sendo concernente a ele, e dele se desviando. Segundo Jubran, a análise deste fragmento permite observar os diferentes valores que perpassam a situação interacional: a) uma avaliação sobre o que é dito; b) uma avaliação sobre quem diz, e simultaneamente, sobre o ponto de vista assumido por quem diz; c) uma avaliação intrinsecamente associada às duas anteriores, sobre as relações entre interlocutores e sobre as conseqüências dessas relações na elaboração do texto. Vejamos como o enunciado parentético é descrito com base em tais valores:

a) *Uma avaliação sobre o que é dito*

A inserção parentética “*não é bairrismo não*”, incidiria, de acordo com Jubran, sobre a modalidade da proposição P, “aqui no nordeste está o que há de mais autêntico da brasilidade em termos mundiais”. Na medida em que denunciam uma avaliação sobre a natureza epistêmica de P, a autora observa que os parênteses indicariam que o locutor não só considera verdadeiro o conteúdo da proposição, mas

também quer que o interlocutor assim o considere, descartando a possibilidade de haver dúvidas sobre o que declara.

b) *Uma avaliação sobre quem diz, e simultaneamente, sobre o ponto de vista assumido por quem diz*

Esta avaliação pode ser apreendida, de acordo com Jubran, na medida em que os parênteses, neste caso, escopariam o sujeito da enunciação, trazendo para o interior do texto a informação implícita de que ele é nordestino, ao mesmo tempo que expressa o desejo de “neutralidade” por parte do locutor (mesmo sendo nordestino) em relação ao conteúdo afirmado em P.

c) *Uma avaliação, intrinsecamente associada às duas anteriores, sobre as relações entre interlocutores e sobre as conseqüências dessas relações na elaboração do texto*

Jubran enfatiza, nesse caso, a incidência dos parênteses sobre as relações interpessoais, pondo em evidência uma qualificação que o falante assume em face de seu interlocutor. No texto que está sendo estudado, a auto-qualificação do foco enunciador apresentado como “neutro”, no segmento parentético, não deixaria de ser, do ponto de vista da autora, uma defesa antecipada do falante diante de uma provável atitude de “bairrista”, que o interlocutor pode lhe atribuir, por aquilo que este, sendo um nordestino, dirá em seguida sobre o nordeste.

O enfoque dado aos diferentes valores arrolados por Jubran, como se pode observar, apresenta o sujeito como podendo influenciar seu interlocutor a aderir à opinião que compartilha acerca do nordeste, expressar seu desejo de neutralidade em

relação ao elogio que faz, e, defender-se, antecipadamente, de uma provável acusação, por parte do interlocutor, de “bairrista”.

Embora a abordagem pragmática¹ apresente-se, até certo ponto, como uma teoria compatível com as exigências impostas pela própria natureza enunciativa das inserções parentéticas, não podemos deixar de levar em consideração o que tem sido apontado como um dos defeitos de base desse modelo quando se trata de utilização mais ampla: a questão do sentido como algo que tem sua origem nos sujeitos falantes.

Franchi (1992), trabalhando com sintaxe, aborda a questão ao afirmar que a significação (o sentido) no interior das correntes funcionalistas é uma questão problemática, pois ela é concebida como um “ato intencional e motivado”, e não como uma propriedade das expressões:

O problema central é o da ‘significação’ concebida não como uma propriedade das expressões, apreensível pela enumeração de características sintáticas e morfológicas, mas como um ‘ato’, um ato intencional e motivado que põe em relação, de um lado, os interlocutores, de outro, os elementos convencionais de que se servem na interlocução (a ‘função’ específica a que se visa em cada ato de comunicação e a ‘forma’ das expressões). A correlação entre a estrutura semântica e a estrutura sintática descrever-se-á pela representação explícita das condições mesmas do ato da comunicação, das intenções ou funções desses atos. Tal representação vai variar conforme a ênfase que se dê a uma ou outras dessas noções envolvidas no processo. (p.12)

Para os que trabalham com Análise do Discurso, a crítica à abordagem pragmática consiste na afirmação de que ela, encerrando a enunciação em um espaço de intenção, de interações, de representações psicológicas, etc. ignora o que decididamente na enunciação poderia escapar ao domínio do sujeito e do contexto

¹ O termo “pragmático”, empregado para se referir também a Linguística Textual, deve ser entendido como designando as abordagens que concebem o sujeito como sendo uno, e o sentido como controlado pelo contexto e pelo próprio sujeito.

imediatos, isto é, a dimensão do dizer que se apresenta irrepresentável ao locutor, em decorrência da dupla determinação do inconsciente e do interdiscurso que constitutivamente participam da organização dos discursos.

Para Authier-Revuz (1992), as abordagens pragmáticas, ao ignorarem o interdiscurso e o inconsciente como um lugar em que se observa a constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito, caem no erro de considerar as formas de representação que os enunciadores dão de seu dizer como reflexo direto do real do processo enunciativo, reduzindo a enunciação ao que é seu imaginário. Isto porque do ponto de vista da Análise do Discurso, as operações que são descritas em termos de estratégias comunicacionais pela Pragmática revelam de um modo que não deriva somente da intencionalidade a negociação obrigatória dos enunciadores com as heterogeneidades fundamentais que atravessam seu dizer, derivadas de “posições enunciativas” (formações discursivas) próprias a sujeitos, a tipos de discursos e a gêneros.

Para sintetizar a discussão sobre o enfoque textual-pragmático dado às inserções parentéticas, queremos ressaltar que, embora a análise privilegie dados relativos à enunciação que são fundamentais na descrição destes enunciados, ela ainda assim, é insatisfatória, pois deixa de lado a questão da determinação histórica em sentido não-individual, considerada, por nós, como um dado também relevante para a caracterização desses enunciados.

II. A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA E AS INSERÇÕES PARENTÉTICAS

A descrição das inserções parentéticas assinaladas, na escrita, por parênteses só pode ser explicitada de maneira adequada, nós supomos, adotando-se uma teoria da linguagem que aborde questões relacionadas ao discurso (= a enunciação).

Como nos capítulos anteriores falamos de Discurso muito sumariamente, e como será esta a abordagem assumida, retomamos, nesta etapa, os conceitos dessa teoria.

Essa tomada de posição, assinalando um campo tão amplo como é o da enunciação nos domínios da Lingüística contemporânea, poderia ser considerada, de início, um tema para longas discussões sobre definições de termos como “discurso” e “análise do discurso”, tendo em vista a reivindicação dessas palavras por diferentes posições teóricas. Sobre essa questão, Castilho (1983) comenta:

A Teoria do discurso, ou melhor, as diversas teorias do discurso, têm uma forte presença na Lingüística contemporânea, e nenhuma uniformidade teórica e metodológica.

Talvez o único ponto comum entre os analistas do discurso seja sua determinação de ultrapassar a sentença como limite máximo da análise lingüística. Daqui para frente a área se cinde em diversos entendimentos do que seja “discurso” (p. 15).

Maingueneau (1989), ao falar mais especificadamente sobre a proliferação do termo “análise do discurso”, observa que ela pode ser entendida como sintomática da própria organização do campo da lingüística:

Se, nos dias de hoje, “análise do discurso” praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção da linguagem pode ser considerada “discurso”) isto provém da própria organização do campo da lingüística. Este último, muito esquematicamente, opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram “rígido” a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.). (p. 11)

Não é nossa pretensão, porém, fazer uma exposição detalhada das diferentes noções de discurso ou uma apresentação (mesmo que esquematizada) das diversas teorias inscritas sob o rótulo “análise do discurso”, já que podemos encontrar referências nos próprios trabalhos citados aqui. Assim, eximindo-nos da responsabilidade de ter que fazer uma síntese das diversas “teorias do discurso”, procuramos apresentar, de forma sucinta, a vertente teórica conhecida como Análise do Discurso francesa (daqui por diante AD), cujos pressupostos teóricos fundamentam a análise das inserções em nossa pesquisa.

Em nosso enfoque, privilegiamos o desenvolvimento dos conceitos e dos procedimentos metodológicos principais que caracterizam os estudos que se apóiam no primado da heterogeneidade como marca dos discursos. Nessa linha inscrevem-se os trabalhos de Authier-Revuz sobre as heterogeneidades enunciativas.

Tomando como referencial teórico os trabalhos de Bakhtin e de Lacan, Authier-Revuz (1990) introduz a noção de heterogeneidade, cujo pressuposto fundamental é a idéia de que os enunciados em cada discurso carregam a memória de outros discursos aos quais perteceram, como a autora afirma:

Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”. O que Bakhtin designa por saturação da linguagem constitui uma teoria da produção do sentido e do discurso: coloca os outros discursos não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um “centro” **exterior constitutivo**, aquele do **já-dito**, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso. (p. 27)

1. Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada

A heterogeneidade enunciativa abrange dois planos que se articulam interdependentemente no que se refere à constituição dos discursos: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. O primeiro plano diz respeito *aos processos reais de constituição de um discurso e o segundo, à representação, em um discurso, de sua constituição* (Authier-Revuz, 1990).

Em outras palavras, a heterogeneidade constitutiva refere-se à alteridade enquanto condição de existência do discurso de um sujeito que, nesta perspectiva, não é a fonte primeira de seu discurso, enquanto a heterogeneidade mostrada, por sua vez, permite que se apreenda a representação que o locutor dá (e dá-se) de sua enunciação (Serrani, 1993). Enquanto a primeira aborda uma heterogeneidade que não é marcada na superfície do dizer, revelando o Outro no domínio em que jogam o interdiscurso e o inconsciente, a segunda incide sobre manifestações explícitas que inscrevem o Outro na cadeia discursiva através de uma infinidade de formas que, opondo-se por diferença à unicidade da língua, do discurso e do sentido, apresentam-se como um fragmento delimitado na cadeia e, simultaneamente, remetem a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar (um outro enunciador

diferente do locutor, um outro discurso, uma outra língua, etc.). Para a autora, as formas de heterogeneidade mostrada operam uma dupla designação: a de um **lugar** para o fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma **alteridade** a que o fragmento remete (Authier-Revuz, 1990:30).

2. Autonímia simples e modalização autonímica

As formas de heterogeneidade mostrada podem ser descritas, por sua vez, a partir de dois pontos de vistas relacionados à autonímia: a) a autonímia simples e b) a modalização autonímica (ou conotação autonímica).

Na autonímia simples, a heterogeneidade que constitui o fragmento mencionado é descrita como marcada no contexto. O fragmento autonímico caracteriza-se, por um lado, pelo estatuto de elemento do qual se faz *menção*¹, e, por outro lado pela, ruptura sintática que acompanha esse fragmento. Nesse caso, o fragmento apresenta-se como um “objeto mostrado”, o qual é extraído da cadeia discursiva e remetido a um outro lugar. São exemplos dessa forma de heterogeneidade o fragmento citado no interior de um discurso relado direto ou introduzido por um termo metalingüístico do tipo “a palavra X”, “o termo X”, “a expressão X”. Vejamos os exemplos, abaixo:

Ele disse: “chegarei tarde para jantar”.
A palavra “caridade” faz boas obras.

¹ Referimo-nos à oposição uso/menção da tradição lógica. Ver Authier-Revuz (1990:29).

Segundo Authier-Revuz, o elemento aspeado, nos exemplos, acima, figura no enunciado como um “corpo estranho”, como um objeto “mostrado” ao interlocutor, no sentido que se atribui a um objeto que apontamos e mostramos.

Na modalização autonímica², no entanto, o fragmento designado como Outro apresenta a particularidade de acumular *uso* e *menção*, ou seja, ao mesmo tempo que é descrito como um fragmento “mostrado” e marcado como “estranho”, é integrado à seqüência do enunciado sem ruptura sintática. A esse fragmento atribui-se estatuto complexo. Nesse sentido, a modalização autonímica é concebida como *um modo de dizer complexo, desdobrado, em que a enunciação de um elemento X qualquer de uma cadeia, associada a uma auto-representação desta, realiza-se como um retorno*. Vejamos alguns exemplos dentre os citados pela autora:

(18) É um serviço de ordem **musculosa** que eles têm, se você vê o que quero dizer.

(19) Estava cheio desses, *como agora dizem vocês* **mosquetões** pendurados em toda costa.

(20) É uma razão **semiológica**, *para empregar uma palavra um pouco chique*, que faz com que [...]

(21) A linha política que ele exprime com freqüência: uma defesa mais **áspera**, *como se diz no rugby*, dos princípios comunistas [...]

(22) Quando você vir alguém que faz dessas *eu falo* **tolices**, *não há outra palavra*, com tamanha desenvoltura [...]

(23) Estava em um **albergue**, *se se pode chamar aquilo de um albergue, enfim, um local*.

² A expressão modalização autonímica (ver Authier-Revuz, 1998), segundo nos parece, é empregada como sendo outro termo para se referir à noção de conotação autonímica (ver Authier-Revuz, 1990).

(24) Este teto a reformar, é **uma telha**, é o caso de o dizer.

(25) Uma única cena **flutua** (*se se ousa escrever*): aquela da piscina.

Os enunciados, acima, apresentam um traço em comum: todos eles deixam entrever que em um ponto de seu desenrolar, o dizer representa-se como não falando mais por si. Em vez do signo exercer sua função mediadora de nomeação, transparente, no apagamento de si, interpõe-se em sua materialidade — com seu significado e seu significante — como um objeto que, encontrado no trajeto do dizer, impõe-se a ele como objeto. Isto ocorre, por exemplo, com as palavras assinaladas em negrito (**musculosa**, **mosquetões**, **semiológica**, **áspera**, **tolices**, **albergue**, **telha**, **flutua**), cuja enunciação se desdobra em comentário de si, como exemplificam os diferentes “*modos de dizer*”, em itálico, respectivamente: “*se você vê o que quero dizer*”, “*como agora dizem vocês*”, “*para empregar uma palavra um pouco chique*”, “*como se diz no rugby*”, “*não há outra palavra*”, “*se se pode chamar aquilo de um albergue, enfim, um local*”, “*é o caso de o dizer*”, “*se se ousa escrever*”.

Sobre os *modos de dizer* que caracterizam a modalização autonímica, temos duas observações a fazer. Em primeiro lugar, queremos ressaltar que eles podem ser explícitos ou implícitos. Os *modos de dizer* explícitos são acompanhados de comentários metalingüísticos, como ocorre nos exemplos acima: “*se você vê o que quero dizer*”, “*como agora dizem vocês*”, etc. Entre os *modos de dizer* implícitos, citamos como exemplo, as aspas e o itálico, casos em que as glosas metaenunciativas estão subentendidas. Segundo Authier-Revuz (1980) as aspas podem ser indicadoras de variadas glosas implícitas: a) do polêmico: “*como você tem a audácia, ou a burrice*

de dizê-lo; b) da ênfase e da realização: “como eu faço questão de dizê-lo, c) da hesitação: *como poder-se-ia à rigor dizê-lo*, etc. Sobre essa última característica, Rocha (1995:65), ao comentar a noção de “conotação autonímica” em Rey-Debove, observa que o comentário metalingüístico próprio a essa configuração nem sempre aparece explicitamente, o que ocorre, sobretudo, quando o enunciador das palavras conotadas for evidente ou quando não se quer revelar sua identidade, ou ainda, se ele for indeterminado (no modo do “*como se diz*” ou “*como dizem*”, correspondente ao francês “*comme on dit*”). Em segundo lugar, esses *modos de dizer* podem ser os mais diversos possíveis (sempre codificados para o modo do *como se diz*): *como ele diz*, *como você diz*, *como um outro diz*, etc. (Ver os tipos formais da modalização autonímica, no capítulo 3).

Em nosso estudo, estamos trabalhando com a hipótese de que as inserções parentéticas, ao inscreverem o Outro na seqüência do discurso, deixam-se descrever como formas lingüísticas que integram o conjunto de formas de heterogeneidade mostrada. A descrição das inserções, adotando-se essa perspectiva, impõe-nos que sejam explicitados os pontos de vistas teóricos que fundamentam a abordagem lingüística das formas de heterogeneidade mostrada.

Na abordagem proposta por Authier-Revuz, o estatuto das formas que inscrevem o Outro na seqüência discursiva é apresentado como concernente ao campo da enunciação (complexidade enunciativa), sendo repensado à luz de uma teoria do discurso, que respalda-se na noção de interdiscurso como lugar de constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito (Pêcheux, 1969:169), e na noção lacaniana de sujeito produzido pela linguagem.

Sendo assim, ao adotarmos esse ponto de vista, a descrição das inserções parentéticas como um fato enunciativo que revela a heterogeneidade como marca do sujeito, do discurso e do sentido implicará na consideração dos seguintes pressupostos:

a) O discurso é concebido como sendo produzido a partir de um exterior constitutivo, o já-dito. Assim, todo discurso, remete sempre a outro discurso, reassegurando seus argumentos principais ou anulando-os. Nesse sentido, o dizer (discurso) é considerado como não transparente ao enunciador, de quem ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso;

b) O sujeito é definido como um sujeito dividido (estruturalmente clivado pelo inconsciente) e destituído de toda posição de exterioridade, a não ser a imaginária, com relação a seu dizer. Não há, como Authier-Revuz afirma, “um controle intencional do sujeito” sobre as enunciações e os sentidos que aí produz.

c) O sentido é concebido como sendo decorrente de sua existência em discursos anteriores (o já-dito), e da posição enunciativa da qual se enuncia.

d) A língua, por sua vez, é descrita como um sistema estruturado, radicalmente constituído “pela falta”, não podendo ser dissociada de teorizações sobre o sujeito humano e o sentido (e suas relações com a linguagem).

III. ENFOQUE ENUNCIATIVO DAS INSERÇÕES PARENTÉTICAS

1. *Caracterização metaenunciativa das inserções parentéticas*

1.1. A autonomia simples e as inserções parentéticas

Neste capítulo, procederemos ao estudo das inserções parentéticas, tomando como referência a noção de heterogeneidade mostrada descrita no capítulo 2. Analisando os dados que compõem o *corpus* à luz dessa noção, observamos que algumas inserções se identificavam mais com as formas de heterogeneidade mostrada que exemplificam a autonomia simples, enquanto outras se enquadrariam melhor entre as formas que ilustram a modalização autonímica. São apresentados, a seguir, exemplos de inserções que exemplificam a autonomia simples.

- (26) a. Era o neto. Ela, porém, ia tão apertadinha, tão cuidadosa da criança, tão a miúdo, tão sem outra senhora, que antes parecia mãe do que avó; e muita gente pensava que era mãe. Que tal fosse a intenção de Dona Camila **não o juro eu** (*“Não jurarás” Mateus V,34*). Tão-somente digo que nenhuma outra mãe seria mais desvelada do que Dona Camila com o neto; atribuírem-lhe um simples filho era a coisa mais verossímil do mundo.

(Machado de Assis, *Uma senhora*, p.55)

- b. Com Granger, assumo que a **“experiência supõe sujeitos, e os sujeitos não são espelhos”**. (*Granger*, 1969:28)

(Possenti, 1988:25)

- c. Em **Freud (1909)** este chiste é de novo analisado.

(Possenti, 1988:39)

d. Entre os brasileiros inéditos, ou quase, não devem ser perdidos “Útero”, de Chistiano Metri, **“Socorro Nobre”, de Walter Salles Jr.** (*leia sinopses ao lado*), e “Onde São Paulo Acaba”, de Andrea Seligman, este último um seco e ágil retrato das periferias onde o rap faz fronteira com o crime.

(Folha de S. Paulo, 21/08/95)

e. O **“treinamento radical”**— um deleite para os adeptos dos esportes radicais – **tem obtido melhores resultados que os “treinamentos convencionais”** (*compare os resultados no quadro ao lado*).

(Folha de S. Paulo, 07/05/95)

f. Enquanto **Eliana Tranhesi** (*à esq.*) contabiliza os lucros do ano em aniversário animado nos jardins, **Sílvia Mecozzi** (*acima*) põe a alegria na janela das galerias da cidade

(Folha de S. Paulo, 26/12/97)

- (27) a. ... Diante dos artigos espalhados sôbre as mesas ou alinhados nas prateleiras, apossou-se das raparigas sacramentenhas uma tal fúria aquisitiva, que **elas se puseram a gritar** e a engalfinhar-se uma com as outras (— “É minha!” — “Eu vi primeiro!” — “Estúpida!” — “Cretina!” — “Larga isso!”) na disputa de vestidos colares, chapéus, meias, sapatos calcinhas , lenços... No meio delas, imponente como um sargento, La Ogilvita tentava restabelecer a ordem, berrando: **“Muchachas! Muchachas!”**.

(ÉricoVeríssimo, O Senhor Embaixador, p.180)

b. Com frequência metia na boca um comprimido de aspirina. De vez em quando, cerrava os olhos, inclinava-se para trás na sua cadeira rotativa, ficava a escutar o ruído do condicionador de ar e a lembrar-se daquele entardecer... Sentia necessidade de desabafar com alguém... Mas com quem? E teria êle coragem de contar *tudo*, a quem quer que fôsse? Gonzaga continuava ausente do país, mas mesmo que pudesse vê-lo naquela hora não teria coragem de confessar-se a êle, pois sabia que o **amigo brasileiro, com tôda a certeza, acabaria rindo de seus problemas.** (“Ó Pablo, você complica as coisas mais simples. Todo o mistério das mulheres está mais na imaginação tímida dos homens do que na própria alma delas.”) Godkin? Ortega admirava e respeitava o jornalista, mas previa sua reação à terrível história. Bill o escutaria com atenção, fumando plácidamente seu cachimbo, e depois resmugaria algo de afetuoso mas neutro. Gris! Sim, Gris era o homem. Podia abrir-se com seu velho professor como a um pai... Pai?

(ÉricoVeríssimo, O Senhor Embaixador, p.256-257)

As inserções parentéticas em (26) e (27) são interpretadas como formas que relevam da autonímia simples, na medida em que os parênteses assinalando os fragmentos ressaltam o caráter de elementos “marcados” e “mostrados” no contexto, por uma ruptura sintática que os acompanha. Entre os empregos dos parênteses que são descritos como tendo estatuto autonímico, destacamos: a) as citações textuais que nos remetem a um outro discurso, ilustradas em (26a); b) as referências a datas, as indicações bibliográficas, exemplificadas em (26b) e (26c); c) remissões que apontam para uma outra parte do texto, conforme se observa nos exemplos (26d) e (26e) ou que identificam uma pessoa pela posição que esta ocupa em uma foto, como ilustra o exemplo (26f); d) a colocação em cena de uma voz diferente da voz do locutor-enunciador, explicitada nos exemplos (27a) e (27b).

Em nosso estudo, as inserções parentéticas que possuem estatuto autonímico são exemplificadas mas não serão classificadas tipologicamente, já que este não é nosso propósito. A nossa proposta de classificação ficará restrita às inserções que se identificam com as formas de modalização autonímica, para as quais voltamos a nossa atenção agora.

1.2. As inserções parentéticas e a modalização autonímica

Para descrevermos as inserções que apresentam características que as identificam com as formas de modalização autonímica, faremos um resumo da descrição dos tipos formais que integram esta configuração enunciativa.

As formas de modalização autonímica são descritas em Authier-Revuz (1998:19) a partir da perspectiva da língua (ou plano da estrutura sintática) e da enunciação (ou plano metaenunciativo).

Do ponto de vista da língua, o estudo focaliza os tipos formais pelos quais se realiza, na linearidade do fio do dizer, o “retorno” metaenunciativo que se volta sobre as palavras desse dizer. Dentre os aspectos considerados pela autora nesta etapa da descrição das formas de modalização autonímica, queremos destacar o levantamento dos tipos formais alinhados em uma escala que vai dos mais explícitos aos menos explícitos: a) formas explicitamente metaenunciativas, consideradas como “completas”: expressões que comportam um *eu digo X*, empregadas de maneira explícita (ex.: *X, emprego esta palavra, se bem que; ela faz eu diria X; o que eu chamo de X*) b) formas explicitamente metaenunciativas que implicam um *eu digo X* (ex.: *X, se eu posso dizer, como se diz, por assim dizer, no sentido p, sem jogo de palavras...; X, palavra, expressão que...*); c) as expressões *metalingüísticas* que se referem a um autônimo *X'* ou *Y'* (ex.: *X, a palavra X' é inconveniente; o Paulo diz X'...; o que Paulo chama X'; X, Paulo diz Y'...*); d) formas sem elemento autônimo ou sem elemento metalingüístico unívoco (ex.: *X, quer dizer Y; X ou Y; X, enfim, Y; X que; X, etc...*; e) os *sinais tipográficos* (aspas, itálico) e *de entonação*; d) as *alusões, o discurso indireto livre, o jogo de palavras*, formas lingüísticas consideradas como puramente interpretativas por deixarem entrever a heterogeneidade constitutiva.

Da perspectiva da enunciação, a abordagem enfatiza as representações metaenunciativas da interlocução, do discurso, da língua, da nomeação, do sentido, às quais os enunciadores recorrem para assegurar seu dizer. Os retornos

metaenunciativos da modalidade autonímica aparecem na superfície do dizer, segundo Authier-Revuz, como um microacontecimento, implicando, ao mesmo tempo, em um “encontro” dos enunciadores com diversas heterogeneidades (ou não-coincidências) que atravessam seu dizer, e em uma “resposta” que eles fornecem a essas heterogeneidades.

A interpretação das diversas formas de heterogeneidade se dá pela especificação da alteridade¹ a que o fragmento remete em função de seu ambiente discursivo: a) uma outra língua; b) um outro registro discursivo: familiar, pedante, adolescente, grosseiro; c) um outro discurso: técnico, feminista, etc; d) uma modalidade de sentido para uma palavra (ou expressão), recorrendo explicitamente a um outro discurso especificado ou à língua enquanto lugar de polissemia, de homonímia, de metáfora; e) uma outra palavra, potencial ou explícita nas figuras de reserva e de hesitação, de confirmação; f) um outro enunciador, diferente do locutor (Authier-Revuz, 1990:30).

A propósito, Authier-Revuz, ao estudar as formas metaenunciativas para descrever as representações (ou imagens) que essas formas oferecem, estabelece quatro domínios da heterogeneidade enunciativa nos quais a descrição se respalda: a) não-coincidência interlocutiva entre enunciadores, b) não-coincidência do discurso consigo mesmo, c) não-coincidência entre as palavras e as coisas, d) não-coincidência das palavras consigo mesmas.

¹ A noção de alteridade explicitada em Authier-Revuz (1990:30) pode ser entendida a partir da noção de “interdiscurso” (Pêcheux, 1975) ou de dialogismo bakhtiniano (Bakhtin, 1992), que colocam os outros discursos como um exterior constitutivo pelo qual o discurso se constitui e ao qual todo discurso remete.

1) *Não-coincidência interlocutiva entre enunciadores*

A heterogeneidade entre sujeitos é explicitada através de dois tipos de figuras, a saber:

a) as formas que tematizam o UM, ao enfocarem o enunciador a partir de seu imaginário de domínio comunicativo. Estas formas são ilustradas pelas figuras que tentam restaurar o **UM** de co-enunciação, lá onde ele aparece ameaçado, recorrendo-se a diferentes estratégias, por exemplo, “uma injunção a dizer em uma só voz” (*digamos X;*), “um apelo à vontade do outro” (*X, permita-me dizer*), “suspensão do dizer em função do querer do outro” (*X, se quiser, X se entende o que quero dizer*);

b) as formas que levam em conta o NÃO-UM no dizer, ilustradas, por exemplo, pelas glosas que marcam que “as palavras que eu digo não são as suas” (*X, como você(s) não dize(m); X, eu sei bem que você(s) não gosta(m) da palavra*) ou que indicam que “as palavras que digo são as suas, não as minhas” (*X, como vocês acaba(m) de dizer, X, como você(s) gosta(m) de dizer*).

2) *Não-coincidência do discurso consigo mesmo*

Esta forma de heterogeneidade assinala a presença em um discurso de “palavras estranhas” que são tomadas como pertencendo e convindo a outros

discursos. Vejamos algumas figuras, que segundo Authier-Revuz, especificam tipos de fronteiras entre um discurso e outro:

a) **balizagem ou incerteza** do traçado (refere-se tanto ao elemento “citado” com todas as precisões, quanto a uma retomada não marcada);

b) exterior “**apropriado**” ao objeto do dizer (por exemplo, palavra de um outro lugar, de uma outra época, de uma outra teoria, de uma outra pessoa, etc;

c) exterioridade de **uma palavra** ou do **sentido de uma palavra** (por exemplo, *X, no sentido cristão*);

d) **tipo de outro** (por exemplo, outra língua, outro registro, outro “socioleto”, outro discurso teórico, outra posição política, etc).

e) o exterior do **repetido** no singular (imagens da relação com estereotipia).

3) *Não-coincidência entre as palavras e as coisas*

As figuras que ilustram essa forma de heterogeneidade são descritas como sendo de três tipos:

a) figuras do **UM** realizado na nomeação, considerado do ponto de vista da coincidência do enunciador com seu dizer, fazendo jogar “intencionalidade” (*X, e eu digo bem X*), “desejo pessoal” (*X, ousou dizer X*) “normas coletivas” (*X, o que se pode chamar de X; X, o que é preciso chamar X*);

b) figuras da **adequação visada**, representando uma enunciação “entre o dizer e não dizer” (*o que se poderia chamar X; eu não digo X, mas quase; direi Y?*), ou em uma nomeação “entre duas palavras” (*X, eu falho dizendo Y; X, eu deveria dizer Y?; X, ou antes Y; X, não Y; X ou Y*);

c) figuras da **falta** da nomeação, consideradas em dois planos: em primeiro lugar, no plano de **um modo de dizer ausente para o enunciador**, ilustrada nas modalidades “suspensivas” (*se se pode dizer X*) e “anuladoras” (*eu não direi X que...*), ou que apresentam “uma imperfeição” (*X, eu emprego X na falta de algo melhor, X, eu emprego X por comodidade; X, eu emprego X provisoriamente*) e, em segundo lugar, no plano da **distância descrita entre a palavra e a coisa**, exemplificada através de “uma distância especificada” (*X é um eufemismo*) ou através de “uma distância que flui” (*X, entre aspas*);).

4) Não-coincidência das palavras consigo mesmas

As figuras que, pontualmente, testemunham, no dizer, o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras são consideradas como sendo de quatro tipos:

a) respostas de fixação de **um** sentido (*X, no sentido de p; X, não no sentido de q; X, sem jogo de palavra*);

b) figuras do dizer alterado pelo encontro do **NÃO-UM**: desculpas, reservas, modalidades irrealizantes do dizer, ligadas ao jogo de “um sentido a mais” (*seria preciso dizer X; X se ousa dizer...*);

c) formas que focalizam o sentido “estendido” do **NÃO-UM** (*X, também no sentido de q; X, no sentido de p e no sentido de q; X, nos dois sentidos da palavra*);

d) formas que enfatizam o dizer reassegurado pelo **NÃO-UM**, frequentemente imprevisto, do sentido (*X, é o caso de dizer, X, esta é a palavra!, X, para dizê-lo em uma palavra preciosamente ambígua*).

As imagens metaenunciativas que aparecem como respostas alçadas pelo enunciador quando este se depara, em seu próprio dizer, com as heterogeneidades

que constitutivamente o afetam, não devem ser entendidas como sendo um reflexo exato que dá acesso diretamente ao real da enunciação mas devem ser concebidas a partir da dimensão imaginária, irrepresentável por si mesma, da enunciação. Sendo assim, as diferentes operações realizadas pelos enunciadores através da modalização autonímica como, por exemplo, de precaução, de diferenciação, de especificação de um sentido, não são descritas em termos de estratégias comunicacionais, mas como formas de representação de fatos de heterogeneidade que se manifestam sem derivar da intencionalidade. Em outras palavras, tais imagens nada mais são que o reflexo da “negociação obrigatória” de todo enunciator diante das não-coincidências que atravessam seu dizer, resultante de “posições enunciativas” próprias a sujeitos particulares, que tematizam o caráter constitutivo do “não-um”.

Embora os parênteses (ou as estruturas assinaladas por essa marca gráfica) não figurem entre os tipos formais que descrevem a modalização autonímica, nossa hipótese é que algumas dessas estruturas constituem mais um exemplo desta modalidade enunciativa. Propomos que essas inserções deixam-se descrever como glosas metaenunciativas, na medida em que elas também apresentam um “desdobramento do dizer”, através do qual a enunciação de um elemento X qualquer encontra-se associada a uma auto-representação desta, realizando-se, simultaneamente, na cadeia discursiva. Esta caracterização das inserções inclui esses enunciados no conjunto de formas lingüísticas que inscrevem o Outro na seqüência do discurso, enfatizando o caráter constitutivo do **NÃO-UM** do dizer. Vejamos alguns exemplos:

(28) ...No Brasil tudo está bem se um sujeito é simpático. **Por simpáticos** (e também irresponsáveis e levianos) esperamos que as coisas nos caiam do céu. Por simpatia votamos em homens incompetentes e ou desonestos para os cargos públicos. ...

(Érico Veríssimo, O Senhor Embaixador, p.386)

(29) Gabriel Heliodoro nasceu também num **estábulo** (para usar sua expressão) e você e eu sabemos que isso não o tornou nenhum santo. Ao contrário!

(Érico Veríssimo, O Senhor Embaixador, p. 189)

(30) ...**As falas desajeitadas, erradas, desleixadas, populares** (segundo o viés da visão estatal da língua [ver Gnerre 1975, cap I]) são muito mais estigmatizadas que os pensamentos divergentes. ...

(Possenti, 1988:120)

(31) O que Freud quer dizer é que **a linguagem dos chistes** (condensação, deslocamento, etc) é da mesma natureza da linguagem do inconsciente. Aliás, em Freud (1909) o chiste relativo aos ladrões é narrado para que os ouvintes, metaforicamente, entendam o papel da repressão.

(Possenti, 1988:41)

(32) ... Nada impede que se considerem outros discursos do ponto de vista do materialismo ou da ideologia, mas nem sempre será fácil determinar neles **marcas de classe** (no sentido marxista) ou marcas de ideologia suficientes para se constituírem em elementos explicadores do discurso.

(Possenti, 1988:25)

Como podemos observar, as inserções parentéticas, nos exemplos acima, colocam à mostra um ponto do desenvolvimento do dizer em que este representa-se como um dizer que não é mais transparente. Elas se apresentam como formas que localmente “dobram o dizer” de um elemento X qualquer, fazendo intervir seu autônimo X. Essa função metalingüística — própria da modalização autonímica — que também caracteriza as inserções parentéticas distingue-se de outras funções metalingüísticas por ser enunciativa, encontrando-se sempre associada ao enunciador: constitui um

comentário do enunciador sobre a descoberta em X “de alguma coisa” problemática, à qual seu comentário responde.

Outro aspecto que queremos enfatizar na caracterização das inserções parentéticas como formas de modalização autonímica são as diferentes figuras (ou representações) metaenunciativas que esses enunciados ilustram. Em (28) e (29), os enunciados entre parênteses explicitam a heterogeneidade relativa ao sujeito. Mais especificamente, em (28), os parênteses reafirmam a figura do UM através de uma glosa implícita que pode ser traduzida como indicadora de um “*eu digo X*”, ao focalizar um comentário sobre o conceito de simpatia na cultura brasileira, que é interpretado como sendo assumido pelo próprio enunciador; já, em (29), esse sinal destaca o NÃO-UM ao enfatizar o emprego da palavra “estábulo”, como não sendo de total responsabilidade do enunciador. O enunciador compartilha a responsabilidade da afirmação de seu conteúdo com um Outro. Os parênteses poderiam ser interpretados, talvez, como sendo indicadores de uma glosa implícita que poderia ser traduzida como: “*X como um outro diz*”. Em (30), as inserções parentéticas deixam entrever uma segunda forma de heterogeneidade, a da não-coincidência do discurso consigo mesmo, que é explicitada, nesse caso, pela referência, entre parênteses, ao discurso ao qual as palavras em itálico pertencem. Em (31), por sua vez, as inserções permitem que se apreenda uma terceira forma de heterogeneidade, a da não-coincidência das palavras com as coisas, ilustrando o encontro dos enunciadores com o equívoco que caracteriza também a nomeação. A enumeração de termos, assinalada pelos parênteses, nomeando o termo “contexto lingüístico” reafirmaria a figura do NÃO-UM realizado na nomeação, pela alusão ao referente, recorrendo-se a termos mais

específicos. Finalmente, em (32), a ocorrência dos parênteses exemplifica uma quarta forma de heterogeneidade: a não-coincidência das palavras consigo próprias. A explicitação do sentido da palavra “classe” assinalada pelos parênteses pode ser interpretada como constituindo uma ruptura do Um das palavras e do sentido no dizer.

2. Descrição das figuras metaenunciativas que caracterizam as inserções parentéticas

Com a análise intuitiva proposta anteriormente, procuramos demonstrar que as inserções parentéticas poderiam ser incluídas entre as formas lingüísticas que explicitam o desdobramento metaenunciativo que caracteriza a modalização autonímica ao inscreverem Outro no discurso.

Nesta etapa, nosso objetivo será propor uma classificação tipológica das diferentes representações (ou figuras) metaenunciativas das inserções parentéticas. Por conveniência, contentar-nos-emos em assinalar as manifestações particularmente claras dessas representações, levando em consideração as quatro formas de heterogeneidade (não-coincidência entre sujeitos, não-coincidência do discurso consigo mesmo, não-coincidência entre as palavras e as coisas, não-coincidência das palavras consigo próprias) sem pretendermos nem rigor, nem exaustividade. Trata-se mais de uma classificação operatória, de ordem funcional, já que a diversidade das estruturas parentéticas é muito grande.

Tomando como referencial as heterogeneidades que atravessam o sujeito, o discurso e o sentido, optamos pelo estabelecimento de três grandes categorias de inserções parentéticas: a) inserções que revelam a heterogeneidade entre sujeitos; b)

inserções que deixam entrever a heterogeneidade como marca do discurso; c) inserções que explicitam a heterogeneidade que afeta o sentido. Sobre esta última categoria, temos uma observação a fazer. Considerando que, na nomeação, o desdobramento metaenunciativo não é visto apenas como o lugar em que se inscreve o lamento, a falta, a falha em nomear, mas é também o espaço onde jogam a intencionalidade, o consenso no emprego dos signos, a adesão do enunciador a seu dizer, a conformidade da percepção do destinatário à realidade física do dizer de X, etc., questões que são tomadas como relacionadas ao problema do sentido, decidimos pela inclusão em uma única categoria dos dois tipos de inserções, tanto as inserções que revelam a heterogeneidade que afeta a nomeação, quanto as que explicitam a heterogeneidade relativa ao sentido.

Tivemos, ainda, a preocupação de selecionar exemplos dos termos que foram classificados na abordagem normativa e descritiva como estruturas de estatuto parentético (por exemplo, as estruturas do discurso citado indireto, o aposto, o adjunto oracional, as orações subordinadas adjetivas, a parafrasagem). Queremos ressaltar, porém, que foram selecionadas, para esta etapa, somente as formas assinaladas por parênteses.

2.1. Inserções que revelam a heterogeneidade entre sujeitos

Para a descrição dessa classe de inserções, apoiamo-nos, aqui, na noção lacaniana de sujeito, assumida por Authier-Revuz. De acordo com essa noção, o sujeito é o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem. Trata-se de

postular um sujeito “produzido” pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente, o qual é descrito como “sujeito dividido”, “sujeito descentrado”, “sujeito clivado”. O dizer concebido como a produção de “um” dos enunciadores é considerado um “engodo”, pois para o sujeito dividido não há um centro fora da “ilusão” e do “fantasmagórico” produzidos pelo Eu, instância responsável pela produção do sujeito autônomo (Authier-Revuz, 1990). Assim, as inserções parentéticas que ilustram essa categoria inscrevem-se em duas vertentes: a) as inserções que se revelam como uma tentativa de restaurar o UM de co-enunciação, onde ele aparece ameaçado, ao focalizarem o locutor-enunciador a partir de seu imaginário de domínio comunicativo; e b) as inserções que colocam à mostra polifonia entre sujeitos, ao enfatizarem o NÃO-UM.

1) *Inserções que focalizam o enunciador a partir de seu imaginário de domínio comunicativo*

Entre as inserções que tematizam o UM ao focalizarem o enunciador a partir de seu imaginário de domínio comunicativo, destacamos as que são interpretadas como um comentário, uma ressalva, uma explicação, uma justificativa, uma exemplificação, etc. A seguir, apresentamos alguns exemplos.

a) Comentário

Este tipo de glosa consiste em uma observação da parte do enunciador que, incidindo sobre a enunciação, expressa um ponto de vista dado como pessoal, ao mesmo tempo que revela a formação discursiva da qual o enunciador fala.

... Em primeiro lugar, segundo Culioli, **há uma obsessão francesa pela significação** (*daí porque, sou que o diz agora, aceitam tão facilmente a tais equivalências*).

(Possenti, 1988:20)

O recurso de chocar para chamar a atenção é velho na propaganda. O curioso é ver o “sensacionalismo”, recurso tão desprezado pelo jornalismo sério, não ser rechaçado pelos jornalistas em sua forma publicitária. Sim, porque é dessa matéria que é feita a publicidade da Benetton: **de sensacionalismo** (*se funciona, não tenho nada contra*).

(Folha de S. Paulo, 06/08/95)

b) Justificativa

Esta figura, que também consiste em uma observação da parte do enunciador, distingue-se pelo fato de incidir sobre X, conferindo-lhe caráter de verdade. No discurso, ela atua sob a forma do *já-dito*.

Creio que à análise do discurso não faria mal considerar problemas desta natureza como cruciais, de vez que **o conceito de discurso não é dado** (*basta ver as diversas definições que disputam, entre si a primazia*).

(Possenti, 1988:24)

O governo brasileiro é alvo de nove queixas na Comissão de Direitos Humanos, na OEA, apresentadas por **organizações não-governamentais** (*três movidas pela Comissão Teotônio Vilela*). São denúncias de desrespeito aos princípios dos tratados internacionais que o país ratificou.

(Folha de S. Paulo, 07/05/95)

c) *Explicação*

Figura através da qual o enunciador, a partir de seu imaginário comunicativo, dá a conhecer a razão de suas palavras. Entre as inserções que desempenham a função de explicação, destacamos as orações subordinadas adjetivas explicativas, citadas aqui.

— Às vezes visito a chancelaria — disse La Ogilvita com ar sonhador - abro as janelas para o sol e o ar entrarem e, **tremendo de frio** (*pois o edifício está sem calefação*) caminho sòzinha por aqueles corredores e salas, lembro-me de caras, vozes, odôres...

(Érico Veríssimo, O Senhor Embaixador, p.385)

Segundo **Carlos Rainha** (*que é irmão de José Rainha*), os assentados não vão entrar em choque com os policiais.

(Folha de S. Paulo, 19/12/97)

d) *Ressalva*

Estas glosas são tomadas como comentários do enunciador que exprimem reserva, restrição, hesitação, etc.

Púrpura supõe dinastia. Dinastia exige netos. Restava que o Senhor abençoasse a união, e ele abençoou-a, no ano seguinte. Dona Camila acostumara-se à idéia; mas era tão penoso abdicar, que ela aguardava o neto com amor e repugnância. Esse importuno embrião, curioso da vida e pretencioso, era necessário na terra? Evidentemente, não; mas apareceu um dia, com as flores de setembro. Durante a crise Dona Camila só teve de pensar na filha; depois da crise, pensou na filha e no neto. Só dias depois é que pôde pensar em si mesma. Enfim avó. Não havia que duvidar; era avó. Nem as feições que eram ainda concertadas, **nem os cabelos, que eram pretos** (*salvo meia dúzia de fios escondidos*) podiam por si sós denunciar a realidade; mas existia; ela era, enfim avó.

(Machado de Assis, Uma senhora, p.54)

Que a sombra do escritor me perdoe, se eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira. Provavelmente, foi o mesmo escritor que a inventou para adornar texto, e não faz mal, porque é bonita; realmente bonita. Eu creio que o mar então batia na pedra, como é seu costume, desde Ulisses e antes. Agora, que a comparação seja verdadeira, é que não. Seguramente, há inimigos contíguos, mas também há amigos de perto e do peito. **E o escritor esquecia** (*salvo se ainda não era do seu tempo*), **esquecia o adágio**: longe dos olhos, longe do coração. Nós não podíamos ter os corações agora mais perto. As nossas mulheres viviam na casa uma da outra, nós passávamos as noites cá ou lá conversando, jogando ou mirando o mar. Os dois pequenos passavam dias, ora no Flamengo, ora na Glória.

(Machado de Assis, Dom Casmurro, p.167-168)

e) Exemplificação

Já na exemplificação as glosas se caracterizam pela a introdução de dados fatuais que ilutam ou confirmam algo que tenha sido dito anteriormente.

... Um sujeito não é só alguém que comete atos falhos. É também alguém que produz chistes. Se é verdade que nem todos os chistes podem ser facilmente analisados considerando-se prioritariamente o **jogo de formas** (*por exemplo, quando, no meio de uma conversa em que se falava de uma pessoa, Herr N. comentou "Bem, a vaidade é um dos quatro calcanhares de Aquiles"*), a verdade é que um grande número deles utiliza-se de técnicas basicamente formais.

(Possenti, 1988:130)

No geral, as vendas no comércio tiveram crescimento de 11% no período. No caso dos **bens duráveis** (*eletrodomésticos, por exemplo*), o aumento nas vendas foi de 35% entre janeiro e agosto. A venda de **semiduráveis** (*calçados, por exemplo*) também cresceu 35% —sempre em relação ao mesmo período.

(Folha de S. Paulo, 12/09/95)

2) *Inserções que colocam à mostra polifonia entre sujeitos, ao enfatizarem o NÃO-UM*

As inserções que focalizam a polifonia entre sujeitos são exemplificadas através das figuras que se apresentam no dizer sob a forma de **ironia** e de palavras atribuídas a **um Outro** (entre as quais se destacam as estruturas do discurso relatado indireto).

a) *Figuras do NÃO-UM que se apresentam sob a forma da ironia*

Segundo Maingueneau em um enunciado irônico ouvimos uma voz diferente da do locutor-enunciador. Baseando-se, em Ducrot, o autor afirma que se trata da voz de um “outro” enunciador que expressa um ponto de vista insustentável. Sendo assim, o locutor-enunciador assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam. Vejamos alguns exemplos, ilustrados pelas inserções parentéticas.

...Não vou contar minhas aventuras no *bogotazo*, em 48, porque a história é comprida demais... Mas, para terminar esta novela de capa e espada, em 1952 meu chefe me chamou e comunicou que eu havia sido **promovido** (*veja bem: “promovido”*), e me acorrentou a uma escrivanhinha em Washington, com o pomposo título de Chefe do Bureau Latino-Americano.

(Érico Veríssimo, O Senhor Embaixador, p.19)

b) *Figuras do NÃO-UM que se apresentam sob a forma de palavras atribuídas ao Outro*

Estas figuras podem ser interpretadas como palavras cujo conteúdo o locutor-enunciador não assume como sendo de sua total responsabilidade. A responsabilidade desse conteúdo é compartilhada com um outro enunciador. É o que ilustram os exemplos abaixo.

Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente, acerca da doutrina e dos fundamentos dela, e depois de reconhecer que a entendíamos, incitou-nos a praticá-la, a divulgá-la cautelosamente, não porque houvesse nada contrário às leis divinas ou humanas, mas porque a má compreensão dela podia daná-la e perdê-la em seus primeiros passos; enfim despediu-se de nós com a certeza (*são suas palavras*) **de que abalávamos dali com a verdadeira alma de pomadistas**; denominação esta que, por se derivar do nome dele, lhe era em extremo agradável.

(Machado de Assis, O Segredo do Bonzo, p.36)

Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: **“Porque um estudante (*dizia um dos seus personagens de teatro de 1858*) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada”**.

(Machado de Assis, Dom Casmurro, p.113)

Ali, **Capiba fala da “Valsa Verde”**, dele e de Ferreira dos Santos, que em seguida ele toca (*“dá uma idéia de”, em suas próprias palavras*) mais que singelamente.

(Folha de S. Paulo, 01/01/98)

2.2. Inserções que deixam entrever a heterogeneidade como marca do discurso

A descrição das inserções que destacam a não-coincidência do discurso consigo mesmo baseia-se, por um lado, nos pressupostos do dialogismo bakhtiniano ao considerar que toda palavra, por ser produzida no meio do “já-dito” dos outros

discursos, é habitada pelo discurso outro; e, por outro lado, no conceito de interdiscurso de M. Pêcheux (1969), o qual postula um “funcionamento regulado do exterior” na produção dos discursos — maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, em sua ilusão subjetiva, se considera a fonte desse discurso (Authier-Revuz, 1990). A não-coincidência que caracteriza o discurso ilustrada pelas inserções parentéticas é representada por um conjunto de figuras que assinalam a presença de “palavras estrangeiras”, entre as de um discurso qualquer (pondo à mostra as fronteiras interior/exterior desse discurso). Vejamos alguns exemplos.

1) *Inserções que remetem ao já-dito*

A inserção, no exemplo apresentado a seguir, é descrita como uma remissão ao já-dito, considerando que a expressão “*time que não vence por pontos vence por nocaute*”, pode ser interpretada como sendo construída a partir do “material” de um outro discurso, referente ao boxe, no qual uma competição é ganha por pontos ou por nocaute. Proferida num contexto em que se fala de futebol é entendida como uma crítica à violência que, às vezes, está presente nos campos.

No Domingo, por exemplo, ouviu-se na TV o senhor que treina o Grêmio (*time que não vence por pontos vence por nocaute*) dizer que o violento jogador Bernardo foi o artífice das recentes conquistas do Corinthians, não o requintado Marcelinho.
(Folha de S. Paulo, 23/08/95)

2) *Inserções que revelam palavras ditas em apoio ao discurso a partir do interior do interdiscurso*

A inserção, no exemplo abaixo, constitui um comentário que expressa um ponto de vista assumido pelo sujeito-enunciador, dito em apoio ao discurso a partir do interior do interdiscurso, na medida em que ela pode ser interpretada como um comentário que revela a formação discursiva da qual o enunciador enuncia.

No início de Pêcheux e Fuchs (1975) aparece **o que os autores chamam (corretamente) de “um quadro epistemológico geral da empresa”**, que reside, segundo os autores “na articulação de três regiões de conhecimentos científicos”.
(Possenti, 1988:24)

3) *Inserções que são palavras de outra língua*

As empresas privadas foram autorizadas a negociar seus **títulos** (“*commercial papers*”) para captar recursos no mercado interno.
(Folha de S. Paulo, 06/06/96)

4) *Inserções que explicam palavras de um outro discurso: científico, técnico, etc.*

Além das cores primárias verde, vermelha, e azul, notadas também no homem, os olhos das aves percebem os raios ultravioleta, o que amplia o espectro de cores possível. De acordo com o **etólogo** (*especialista e comportamento animal*) Erhard Maier, da Universidade de Regensburg, Alemanha, os pássaros utilizam a percepção ultravioleta para namorar.
Revista Superinteressante, dezembro de 1993)

O **furto** (*quando o ladrão age sem violência contra as pessoas*) aconteceu, segundo o delegado, entre os dias 24 de julho e 01 de agosto.
(Folha de S. Paulo, 23/08/95)

2.3. Inserções que explicitam a heterogeneidade que afeta o sentido

Conforme já foi dito anteriormente, nesta categoria, reunimos dois tipos de inserções parentéticas: aquelas que revelam a heterogeneidade que afeta a nomeação e as que testemunham o encontro dos enunciadores com as não-coincidências que atravessam o sentido das palavras.

2.3.1. Inserções que ilustram a não-coincidência entre as palavras e as coisas

A não-coincidência entre as palavras e as coisas é concebida como sendo constitutiva, em uma dupla perspectiva: de um lado, da língua enquanto sistema de unidades discretas, marcada pela falta, apresenta infinitas singularidades, do real a nomear, pondo a mostra o “jogo” inevitável que caracteriza a nomeação; e, de outro lado, da enunciação como radicalmente heterogênea à ordem simbólica, através da qual se revela, na nomeação, o que Authier (1994) denomina de “a falta de captura do objeto” ou “falha em nomear”. As estruturas parentéticas que apresentamos, a seguir, irão enfocar mais particularmente a heterogeneidade evidenciada pelas infinitas singularidades do real a nomear, concebida da perspectiva da língua, do que as não-coincidências que decorrem da “falta” tomada como anomalia de uma palavra X “imprecisa”, “excessiva”, “imprópria” (*X, eu não encontro a palavra que conviria*) ou de um modo de dizer, às vezes, “se fazendo sobre o modo de não se dizer” (*eu diria quase X; eu não ousou dizer X; etc.*), perspectiva enfatizada por Authier-Revuz.

Esse enfoque dado às inserções parentéticas encontra-se associado a dois tipos de figuras realizados pela nomeação: a) figuras que focalizam o UM e b) figuras que enfatizam o NÃO-UM.

1) Figuras que focalizam o UM realizado na nomeação

As figuras do UM realizado na nomeação, concebido a partir da perspectiva imposta pela língua, é ilustrado através do emprego de formas que aparecem no dizer como equivalentes (sinônimas). Destacamos dois tipos de inserções que apresentam essa característica: a) as palavras pertencentes à mesma família parafrástica; b) as siglas;

a) Figuras do UM explicitadas por palavras pertencentes à mesma família parafrástica

... Isto implica em conceber a língua como um instrumento de um certo tipo, que está em algum lugar, e do qual o sujeito pode decidir apropriar-se ou não. Essa concepção faz com que o discurso seja concebido como a **língua (estrutura)** e mais alguma coisa. ...

(Possenti, 1988:57)

O representante típico da tradição psicologizante é Spitzer. Sua idéia básica pode ser expressa assim: a **linguagem (estilo)** de um autor expressa seu espírito da mesma forma que uma língua expressa o espírito de um povo.

(Possenti, 1988:138)

b) Figuras do UM exemplificadas pelas siglas

O **Conselho Monetário Nacional (CMN)** aprovou ontem duas medidas que devem reduzir os custos dos financiamentos para empresas no mercado.

(Folha de S. Paulo, 06/06/96)

O governo já aposta que o congresso não conseguirá aprovar o Orçamento de 97 neste ano e está preparando a edição de mais uma **MP** (*medida provisória*) para que possa gastar em projetos na área social, saneamento e habitação.

(Folha de S. Paulo, 17/12/96)

2) *Figuras que focalizam o NÃO-UM realizado na nomeação*

As figuras que focalizam o NÃO-UM, por sua vez, são ilustradas através das formas entre parênteses que nomeam um elemento X do dizer. Elas podem ser de dois tipos: a) a nomeação de X, recorrendo-se a uma pluralidade de termos cada vez mais específicos; e b) a nomeação de X pela atribuição de um único termo, o qual pode estar relacionado à posição social ocupada pelo locutor (cargo, função, partido político a que pertence, etc.), à localização de X, a uma característica de X que o distingue (como é o caso do aposto).

a) *Figuras do NÃO-UM realizadas pela pluralidade de termos*

Para H & H, existe coesão léxica basicamente se existir entre dois nomes alguma **relação semântica** (*sinonímia, hiponímia, proximidades de sentido, etc.*). Segundo estes autores, existem casos peculiares em que há coesão léxica mesmo se estas relações semânticas não existem, sendo o caso extremo um tipo de repetição do nome em que não há nenhuma conexão semântica entre eles.

(Possenti, 1988:105)

... Assim, esta anaforização tem um caráter mais argumentativo do que coesivo. E acrescenta que é “óbvio que são restrições discursivas que regulam este tipo de fenômeno: segundo o tipo de discurso, segundo as **escolhas** (*políticas, filosóficas, etc.*) operadas pelo discurso, tal anaforização será possível ou não”. (p.156).

(Possenti, 1988:106)

b) *Figuras do NÃO-UM realizadas pela atribuição de um único termo*

- *figura relacionada à posição social ocupada pelo locutor*

O líder do governo na Câmara, **deputado Benedito Gama** (PFL-BA), disse que os ministros vão depor se a convocação tiver base legal.

(Folha de S. Paulo, 17/12/96)

O **ministro Sérgio Motta** (Comunicações) chamou ontem o prefeito Paulo Maluf de “chefe dos covardes eleitorais” e disse achar “muito estranho” que a lista do PPB apareça no momento em que será votada a emenda da reeleição.

(Folha de S. Paulo, 17/12/96)

- *figura relacionada à localização de X*

O Banco do Brasil decidiu fechar, por tempo indeterminado, sua agência em Teodoro Sampaio, no **Pontal de Paranapanema** (*extremo oeste de São Paulo*). A agência foi bloqueada na tarde de ontem durante protesto de trabalhadores sem terra.

(Folha de S. Paulo, 19/12/97)

O coronel José Ferreira de Souza Filho, comandante da Polícia Militar na **região de Presidente Prudente** (580 Km a oeste de São Paulo), disse que serão enviados policiais para garantir o funcionamento da agência.

(Folha de S. Paulo, 19/12/97)

Essas serão as primeiras apresentações da turnê PopMart em 1998. A passagem da turnê pela América do Sul incluiu ainda shows em **Buenos Aires** (*Argentina*) e **Santiago** (*Chile*), todos já com ingressos esgotados

- *figura relacionada a uma característica de X que o distingue*

Hiroshima lembra hoje os 50 anos da explosão com cerimônias que incluem o lançamento de uma canção de **Yoko Yono** (*a viúva do ex-Beatle John Lennon*), e que gravou com Paul McCartney.

(Folha de S. Paulo, 06/08/95)

2.3.2. Inserções que colocam à mostra a não-coincidência do sentido das palavras

A não-coincidência do sentido das palavras é descrita levando em consideração, por um lado, o fato de as palavras apresentarem-se, no dizer, afetadas por outros sentidos de outras palavras em decorrência da polissemia e da homonímia. O percurso que se segue consiste na descrição das formas de explicitação reflexiva do sentido de um elemento X e dos mecanismos que ela envolve, principalmente aquilo que elas traduzem a partir do enunciador. Encontramos duas figuras que essas formas apresentam, por parte do enunciador, de um NÃO-UM do sentido, no dizer: a) as glosas que fixam explicitamente *um* sentido para X, e b) as glosas que, ao contrário, desdobram X em uma pluralidade de sentido.

1) *As glosas que fixam explicitamente um sentido para X*

A explicitação de um sentido para X constitui uma atestação do NÃO-UM do sentido, na medida em que o enunciador ao especificar o sentido de X dá testemunho da potencialidade de um outro sentido que ele encontra nas palavras em contexto. Em

outras palavras, a fixação de um sentido para X constitui uma operação contextual de eliminação em X de um sentido inoportuno que, no entanto, X autoriza ou favorece.

As figuras exemplificadas pelas inserções parentéticas que se enquadram nesta categoria podem ser de quatro tipos: a) figuras que especificam de forma positiva o sentido de X, representadas pela parafragem; e b) glosas formadas por adjetivos relacionais e qualificativos que põem em jogo lugares discursivos, fontes de polissemia, c) glosas que se traduzem como expansões do sintagma *no sentido de* através de SN, onde o SN designa um lugar discursivo no qual X é determinado, e d) figuras que atestam a especificação de *um* sentido para X pela referência a um lugar discursivo.

a) Figuras representadas pela parafragem

Parece, pois necessário dizer de novo o óbvio. E o óbvio é que, por mais relevantes que sejam **os fatores que poderiam ser chamados sem nenhuma exigência de refinamento conceitual de “extralingüísticos”** (*isto é, não lexicais ou sonoros*) para a descoberta do sentido, a *forma de discurso*, desde que tomada em sua materialidade mesma, e não como hipostasia de uma metalinguagem, é o elemento essencial na construção do sentido. Ela nunca o esgota, por causa da indeterminação desta forma, mas o fato de não esgotá-lo não implica em seu abandono ou sua consideração apenas em último lugar.

(Possenti, 1988:115)

É ainda cedo para concluir que **o saldo comercial físico** (*ou seja, de mercadorias e não de contratos de câmbio*) talvez volte em breve a ser negativo, depois de um minúsculo superávit em julho.

(Folha de S. Paulo, 23/08/95)

Uma outra observação se faz necessária sobre o papel do contexto. Não só ele é pertinente para a interpretação de um enunciado como colabora para a construção do próprio enunciado, na medida em que, em diferentes circunstâncias, enunciados diferentes podem ser escolhidos para a realização de **um mesmo ato** (*ou do que seria um mesmo ato numa teoria da enunciação*). ...

(Possenti, 1988:53)

b) *Glosas formadas por adjetivos relacionais e qualificativos*

... Nada impede que se considerem outros discursos do ponto de vista do materialismo ou da ideologia, mas nem sempre será fácil determinar neles **marcas de classe** (*no sentido marxista*) ou marcas de ideologia suficientes para se constituírem em elementos explicadores do discurso.

(Possenti, 1988:25)

c) *Glosas que se traduzem como expansões do sintagma no sentido de através de SN*

... Uma teoria adequada deve considerar **a linguagem como trabalho** (*no sentido de Granger; ver mais adiante capítulo 9*) e atividade.

(Possenti, 1988:30)

d) *Figuras que atestam a especificação de um sentido para X pela referência a um lugar discursivo*

... A abstração de Lahud é evidentemente lícita, mas não se pode desconhecer que nos discursos efetivos são numerosos os casos em que se pode desconhecer que os elementos dêiticos não possuem univocidade garantida, pelo menos no que se refere aos efeitos pretendidos pelos interlocutores. Pode haver **pressuposições** (*no sentido de condições de emprego, ver Ducrot, 1972*) não coincidentes entre os interlocutores, o que exige, por isso mesmo, um ajuste na continuidade do discurso, que pode resultar, então, numa não ambigüidade final, ou seja, no perfeito entendimento entre os interlocutores.

(Possenti, 1988:75)

2) *Figuras que desdobram X em pluralidade de sentido*

A pluralidade de sentido que a inserção, no exemplo dado a seguir, ilustra é interpretada levando em consideração o alcance que termo sintaxe passa a ter. Este

termo não é entendido mais como referindo-se apenas à parte da gramática que estuda as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases, mas é concebido a partir de um ponto de vista mais abrangente, que se refere também ao estudo da morfologia e da fonologia.

... No entanto, sabemos que as línguas naturais refletem em si a estrutura das sociedades em que são faladas, donde decorre que há formas de peso social diverso, e cuja **sintaxe** (*em sentido amplo, como o de Morris, incluindo a morfologia e a fonologia*) é variável segundo os grupos sociais. Parece absolutamente necessário incorporar também estes recursos explicitamente, de vez que não seria completa a assunção da enunciação como fato básico de linguagem sem considerar-se o valor que os falantes atribuem às formas concorrentes num determinado tempo e lugar.

(Possenti, 1988:74)

CONCLUSÃO

Como o leitor viu, no primeiro capítulo, procuramos reunir as reflexões sobre as inserções parentéticas apresentadas em três modalidades de estudos, a saber, a gramática normativa, a gramática descritiva e a lingüística textual.

Na gramática normativa, destacamos a indicação de que esses enunciados se relacionariam mais com seu autor do que com a própria proposição, gramaticalmente falando. Comentamos, a partir dessa indicação, a relação das inserções com a enunciação, enfatizando a relação desses enunciados com o sujeito. Nesse sentido, as observações dos gramáticos tradicionais nos permitiram tematizar que as inserções explicitam uma alteridade em relação ao sujeito, remetendo-nos, às vezes, à figura do enunciador “comentador de seu discurso”, outras vezes, à figura de um sujeito atravessado pelo Outro (que se diferencia do sujeito-enunciador).

Tomando como referencial a gramática descritiva, dedicamo-nos à tarefa de organizar as intuições sobre as inserções, baseando-nos nas considerações de Mateus (1989) e Perini (1995) sobre o fenômeno. Constatamos que a caracterização das inserções na abordagem descritiva se aproxima bastante da caracterização da abordagem normativa. Ela se diferencia, no entanto, ao descrever alguns termos, geralmente considerados gramaticais, como tendo estatuto parentético: os apostos, as orações subordinadas adjetivas explicativas, os epítetos e o adjunto oracional. A referência ao estatuto parentético desses termos redundou na formulação de duas questões: a) os apostos, as orações subordinadas adjetivas explicativas, os epítetos e

adjunto oracional foram descritos como termos que integram a categoria das inserções parentéticas; b) a demonstração de que semelhança entre o adjunto oracional e as inserções é de natureza enunciativa.

Ao abordarmos a lingüística textual, enfatizamos o enfoque dado às inserções como elementos que desempenham papéis importantes no estabelecimento da significação dos segmentos tópicos na situação comunicativa. A partir desse enfoque, colocamos em discussão a noção de sentido adotada pela lingüística textual, que poderia ser descrito como algo que o indivíduo controla, na medida em que a significação passa a ser vista como correlata, fundamentalmente, da capacidade dos interlocutores de planejarem conscientemente sua comunicação. Em nossas considerações, procuramos assinalar que a noção de sentido adotada pela lingüística textual se diferencia da noção adotada pela Análise do Discurso em dois aspectos. Para a Análise do Discurso, o sentido é decorrente, por um lado, de discursos anteriores; e, por outro lado, da formação discursiva da qual se enuncia.

No segundo capítulo, apresentamos breves considerações sobre a noção de heterogeneidade enunciativa, enfatizando a heterogeneidade mostrada, a partir da qual propomos a caracterização das inserções como sendo exemplo do mesmo fenômeno.

No terceiro capítulo, apoiando-nos na discussão sobre a natureza enunciativa desses elementos, procedemos à descrição de algumas das figuras metaenunciativas das inserções, estabelecendo uma classificação dessas figuras. Nossa classificação não pode ser tomada como exaustiva, tendo em vista que a diversidade das estruturas parentéticas é grande. Nesse contexto, as inserções parentéticas foram descritas como uma forma de heterogeneidade mostrada que especifica parâmetros pelos quais sujeito, discurso e sentido se constituem. Nesse

sentido, as inserções explicitam, por um lado, a delimitação de “um lugar” na cadeia discursiva, ao apresentarem-se como um fragmento “mostrado”; e, por outro lado, deixam entrever a alteridade a que remetem. A alteridade a que o fragmento remete possibilitou-nos instituir três grandes categorias de inserções: a) inserções que revelam a heterogeneidade entre sujeitos; b) inserções que deixam entrever a heterogeneidade como marca do discurso; c) inserções que explicitam a heterogeneidade que afeta o sentido.

As conclusões podem não ser novidades teóricas. Mas cremos ter contribuído para a Análise do Discurso explicitando o pertencimento claro das inserções parentéticas ao domínio do discurso, ou seja, seu estatuto não gramatical. Além disso, esse pertencimento se caracteriza claramente no domínio da já conhecida heterogeneidade enunciativa.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. S. (1964) *Gramática secundária e gramática histórica de língua portuguesa*, 3ª edição, vol 1, Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- ALMEIDA, N. M. (1992) *Gramática metódica da língua portuguesa*, 38ª edição, São Paulo, Editora Saraiva.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1980) "Paroles tenues à distance", in *Matérialités discursives*. Lille Presses Universitaires, Paris, p.127-141.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1990) "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)", in *Cadernos Lingüísticos*, 19, Campinas, IEL-Unicamp, 1984 (trad. de *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*, 73, Paris Larousse, *Langages*) p.25-42.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1982) "Hétérogénéité montré et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours", in DRLAV, 26. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris, VIII, pp. 98-111.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1994) "Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio", in Orlandi E. P. (org.) *Gestos de Leitura - da história no discurso*, Campinas, Editora da Unicamp, 1994, pp. 253-277.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1998) *Palavras incertas – as não-coincidências do dizer*, Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. (1992) *Marxismo e filosofia da linguagem*, 6ª edição, São Paulo, Hucitec.
- BARROS, E. M. (1982) *Português para o ciclo básico universitário: redação e gramática*, São Paulo, Atlas, pp. 80-83.
- BECHARA, E. (1967) *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus*, 2ª edição, São Paulo, Companhia Editora nacional.
- BUENO, F. da S. (1958) *Gramática normativa da língua portuguesa*, 5ª edição, São Paulo, Edição Saraiva.

CASTILHO, A. T. (1990) *Português falado e o ensino de gramática*, Porto Alegre, Letras de Hoje, v. 25, nº 1, pp. 103-136.

CASTILHO, A. T. (1993) *Teorias da linguagem e lingüística*, USP/São Paulo, mimeo.

CEGALLA, P. (1970) *Novíssima gramática da língua portuguesa*, 11ª edição (inteiramente revista e melhorada), São Paulo, Companhia Editora Nacional.

CUNHA, C. & CINTRA, L. (1985) *Nova gramática de Português contemporâneo*, Rio de Janeiro, Editora Nova fronteira, pp. 625-649.

DUBOIS J. et al. (1993) *Dicionário de lingüística*, 9ª edição, São Paulo, Editora Cultrix (trad. de Dictionaire de Linguistique, Larousse, 1973).

DUCROT, O. (1987) "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação", in *O dizer e o dito*. São Paulo, Pontes Editores. (trad. de Le Dire et le Dit, 1984), pp.161-218.

FRANCHI, C. (1992) "Linguagem – atividade constitutiva", in: *Cadernos Lingüísticos*, 22, Campinas, IEL-UNICAMP, 1977, pp. 9-39.

FRANÇOIS, D. (1969) "A noção de norma em lingüística", in: Martinet, J. (org). *Da teoria lingüística ao ensino da língua*, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979, pp. 87-97.

GARCIA, O. M. (1967) *Comunicação em prosa moderna*, 14ª edição, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988, pp. 16-38; 103-128.

GERALDI, W. (1993) "Linguagem e trabalho lingüístico", in *Portos de passagem*, 2ª edição, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora LTDA. pp. 8-58.

GUIMARÃES, E. (1995) *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem* Campinas, Pontes, p.p. 21-31.

HAROCHE, C. (1992) "Fazer dizer, querer dizer", São Paulo, Hucitec. (trad. da edição francesa *Faire Dire, Vouloir dire*, Press Universitaire de Lille, 1984).

- HENRY, P. (1975) "Construções relativas e articulações discursivas", in *Cadernos Lingüísticos*, 19, Campinas, IEL-Unicamp, 1990, pp. 43-64.
- HENRY, P. (1977) "Sentido, sujeito, origem", in Orlandi, E. P. (org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*, São Paulo, Pontes, 1993, (trad. Le mauvais outil. Langue, sujet et discours), pp. 151-162.
- ILARI, R. & GERALDI, W. (1992) *Semântica*, 5ª edição, São Paulo, Editora Ática.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. (1992a) "Organização tópica da Conversação", in Ilari, R. (org) *Gramática do Português falado*. Vol. II, Campinas, Editora da Unicamp/Fapesp, pp. 348-439.
- JUBRAN, C. C. A. S. (1992b) "Particularidades e natureza das inserções — posições e funções dos parênteses", UNESP/Assis, mimeo.
- JUBRAN, C. C. A. S. (1993) "Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica", in *Gramática do Português falado*, vol. III, Campinas Editora da Unicamp/Fapesp, pp. 61-74.
- JUBRAN, C. C. A. S. (1994) "Tipologia de parênteses", UNESP/Assis, mimeo.
- JUBRAN, C. C. A. S. (1995) "Tipologia de parênteses", UNESP/Assis, mimeo.
- JURADO FILHO, L. C. (1996) *Ritmo da escrita: uma análise do vestibular Unicamp*, Dissertação (Doutorado em Lingüística) — Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- KOCH, I. G. V. (1990a) "Digressão e coerência conversacional", Unicamp/ Campinas, mimeo.
- KOCH, I. G. V. (1990b) "A propósito: existem mesmo digressões?", in *Cadernos Lingüísticos*, 19, Campinas, IEL-Unicamp, pp. 123-126.

- KOCH, I. G. V. (1989) "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado", in Castilho (org.) *Gramática do português falado*, vol I, Campinas, Editora da Unicamp/fapesp, pp. 145-189.
- KOCH, I. G. V. (1994) *Proposta teórica do grupo de descrição textual-interativa do PGPF*. Unicamp/Campinas. mimeo.
- KURY, A. G. (1985) *Novas lições de análise sintática*, Rio de Janeiro, Editora Ática, p.70.
- KURY, A. G. (1982) *Ortografia, pontuação, crase*, Rio de Janeiro, Fename, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional de Material Escolar, pp. 65-83.
- LIMA, R. (1992) *Gramática normativa da língua portuguesa*, 31ª edição (retocada e enriquecida), Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora S.A., 1972.
- MAINGUENEAU, D. (1989) *Novas tendências em análise do discurso*, Campinas, Pontes, p. 98-99.
- MATEUS, M. H. M. et al. (1989) *Gramática da língua portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Caminho.
- MELO, A. S. (sem data) *Gramática da língua portuguesa*, Portugal, Editora Domingos Barreira, p.238.
- PARRET, H. (1988) *Enunciação e pragmática*, Campinas, Editora da Unicamp, pp. 15-65.
- PÊCHEUX, M. (1969) "Análise automática do discurso", in Gadet, F. & Hak, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso*, 2ª Campinas, Editora da Unicamp, 1993, pp. 61-87.
- PÊCHEUX, M. (1975) "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas", in Gadet, F. & Hak, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso*, 2ª Campinas, Editora da Unicamp, 1993, pp. 163-187.

- PÊCHEUX, M. (1983) *Estrutura ou acontecimento*, São Paulo, Pontes Editora, (trad. de Discourse: Structure or Event, Illinois University Press, 1988).
- PERINI, M. A. (1995) *Gramática descritiva do português*, São Paulo, Editora Ática, pp. 92-122.
- POSSENTI, S. (1988) *Discurso, estilo e subjetividade*, 1ª edição, São Paulo, Martins Fontes.
- POSSENTI, S. (1995) "O eu no discurso do outro, ou a subjetividade mostrada", in Alfa, São Paulo, Editora da Unesp, pp. 45-55.
- POSSENTI, S. (1996a) "O sujeito fora do arquivo", in Isabel Magalhães (org.), *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, pp. 37-47.
- POSSENTI, S. (1996b) "Pragmática na Análise do Discurso", in *Cadernos Lingüísticos*, 30, Campinas, IEL-Unicamp, pp. 71-84.
- ROCHA, R. (1995) "O Provérbio: discurso do outro", in: *Enunciação dos provérbios – descrição em francês e em português*, 1ª edição, São Paulo, Hucitec, pp. 43-60.
- SAVIOLI, F. P. (1990) *Gramática em 44 lições*, 16ª edição, São Paulo, Editora Ática.
- SERRANI, S. M. (1993) *A linguagem sociocultural - estudo da repetição discursiva*, Campinas, Editora da Unicamp, pp. 23-28.
- TENANI, L. E. (1996) *Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do projeto da gramática do português falado*, Dissertação (Mestrado em Lingüística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- TERRA, E. (1991) *Curso prático de Gramática*, São Paulo, Editora Scipione.
- VOGT, C. (1989) "Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções *porque*, *pois* e *já que*", in: *Linguagem, pragmática e ideologia*, 29ª edição (inteiramente revista e melhorada), São Paulo, Hucitec, pp. 43-60.